

Miguel Guggiana (coordenador)
Tânia Du Bois (organizadora)



Dispersos de MARIA PEQUENA



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

São tantos os mistérios que envolvem a vida, a morte e o destino dado aos restos mortais de Maria Meireles Trindade – SANTI-NHA, MARIA PEQUENA ou MARIA DEGOLADA –, a nossa primeira santa popular, hoje esquecida ou ignorada pela maioria dos passo-fundenses, que essa ainda é uma história a ser melhor contada. É por isso que, mil vezes, saúdo a iniciativa capitaneada por Miguel Guggiana e Tânia Du Bois de reunir em livro, de nome homólogo, esses Dispersos de MARIA PEQUENA. A obra é uma coletânea de textos historiográficos assinados por historiadores de escol, com filiação acadêmica profissional, por memorialistas e por escritores ficcionistas, poetas e ilustradores, que livremente deram asas à criatividade no retrato desse episódio singular da história local.

Quanto ao paradeiro dos restos mortais de MARIA PEQUENA, desalojados do Cemitério da Cruzinha em 1955, em função do novo Plano Diretor da cidade, editado em 1953, vicejam especulações. Inclusive, há quem diga com base no livro *The Brazilian Federalist Revolution Obituaries*, edição rara para colecionadores, que diferentemente da versão de que teriam sido, por obra do padre Jacó Stein, depositados sob o antigo altar-mor da Catedral de Passo Fundo, hoje, repousam nos Arquivos Secretos do Vaticano, para onde foram levados por um construtor do templo a quem o padre Jacó havia confiado a tarefa; estando à espera do NIHIL OBSTAT para o segredo da sua morte e os seus milagres serem finalmente tornados públicos. Quem viver verá! No que eu acredito, mesmo, é que Maria Meireles Trindade, personagem real e não o mito, foi mais uma vítima da barbárie que marcou a Revolução Federalista de 1893-1895, cujos detalhes da história esse livro agora lança novas luzes.

GILBERTO R. CUNHA

Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras

Dispersos de MARIA PEQUENA



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Miguel Guggiana – coordenador
Tânia Du Bois- organizadora

Dispersos de MARIA PEQUENA

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

1ª edição 2014 - 1ª reimp julho 2018

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie puma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Coordenação: Miguel Guggiana

Revisão e organização: Tânia Du Bois

Capa: Tânia Du Bois, com obra de Leandro Doro

Ilustrações: Leandro Doro e Serafim Rodrigues Magalhães.

D612 Dispersos de Maria Pequena [recurso eletrônico] / coordenador Miguel Guggiana; organizadora Tânia Du Bois. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2014. E-book (formato PDF). ISBN 978-85-8326-095-0

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

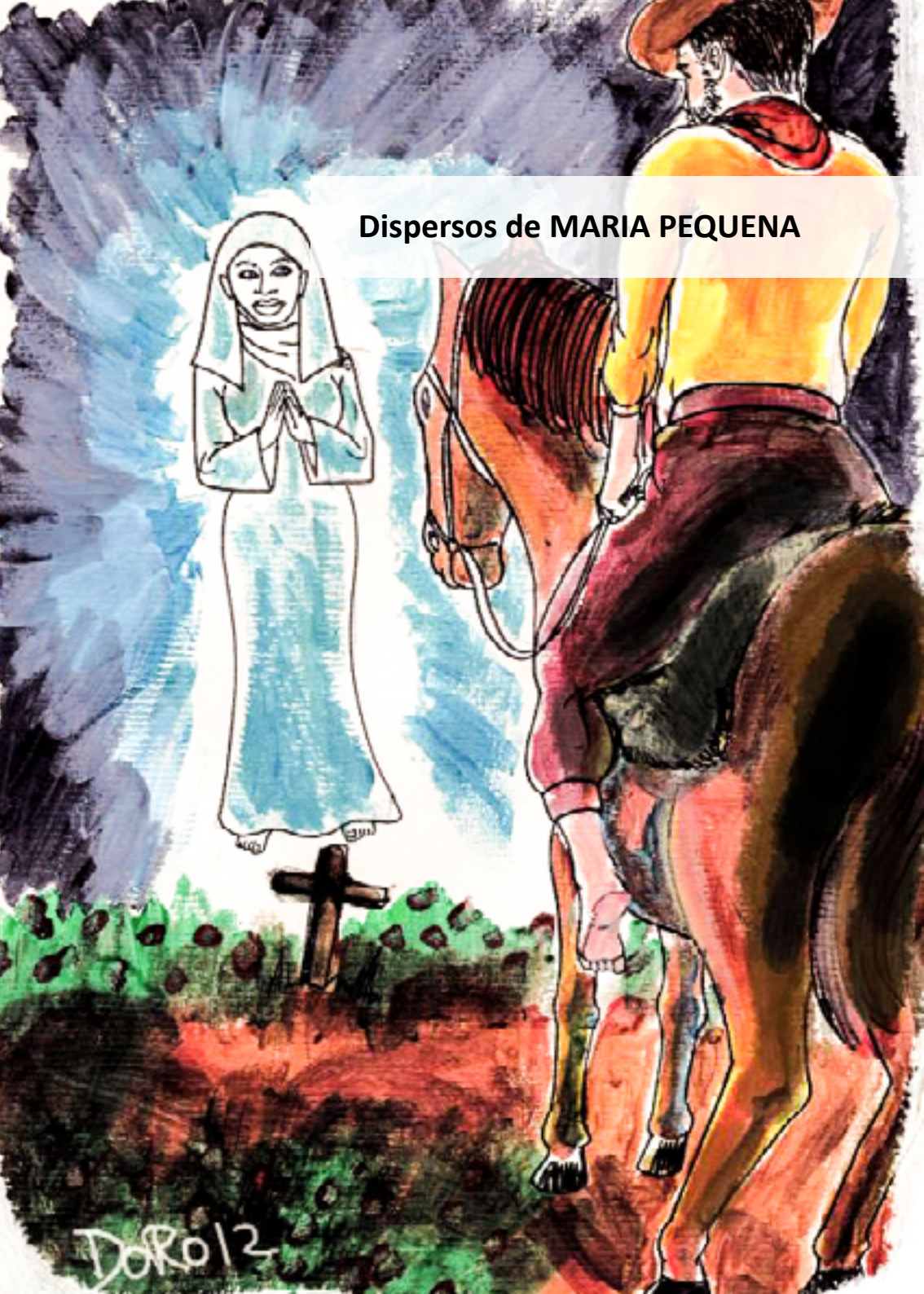
1. Trindade, Maria Meireles (Maria Pequena) – Biografia. 2. Literatura brasileira. 3. Passo Fundo (RS) – História. 4. Poesia. 5. Crônica. I. Guggiana, Miguel, coord. II. Du Bois, Tânia, coord.

CDU: 869.0(81)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
PREFÁCIO	11
O SOPRO DA LEMBRANÇA	15
AS DUAS MORTES DE MARIA PEQUENA.....	17
A PRIMEIRA SANTA POPULAR PASSO-FUNDENSE	33
MARIA PEQUENA, A MATA HARI PASSO-FUNDENSE	37
RELENDO MARIA PEQUENA.....	43
MARIA PEQUENA, GRANDE EM AMORES	47
A SANTA QUE VIROU FANTASMA.....	51
MARIA PEQUENA e o CEMITÉRIO da CRUZINHA.....	55
DEGOLA.....	59
OS SINAIS da LEMBRANÇA.....	65
MARIA PEQUENA	67
A VOLTA DE MARIA PEQUENA	71
NOSSA MARIA PEQUENA.....	73
A SANTA ESQUECIDA.....	75
MARIA PEQUENA	79
À MARIA PEQUENA.....	81
MARIA PEQUENA	83
O SENTIDO LEMBRADO	87

Dispersos de MARIA PEQUENA



Doro12

APRESENTAÇÃO

Tânia Du Bois¹

O livro, *Dispersos de MARIA PEQUENA*, é coletânea representada por vários autores com variadas versões, como um caminho de investigação que persegue o percurso da vida de Maria Meireles Trindade, vulgo Maria Pequena. A obra busca homenagear e espalhar a completude do ser, de um modo insistente: Maria Pequena mártir, heroína ou santa? E nos perguntamos, até onde é lenda ou realidade?

Dispersos responde através das diversidades dos textos e dos estilos dos escritores, que com sensibilidade aguçada, curiosidade aflorada e conhecimento, contam a história de Maria Pequena.

Suas versões são retratadas pelos Sopros da lembrança, pelos Sinais da lembrança e pelo Sentido lembrado. De certo modo, celebram a história de Maria Pequena ao restituir sua vida entrelaçada como uma incursão do mito e do fato.

Aqui, vida e arte confundem-se em palavras que resgatam as lembranças no perfil de Maria Pequena, onde cada autor prescreve a compilação de reproduzir às páginas o seu processo de criação literária. Residuais poderes na “voz” concentra cada lembrança e, sabemos como assombra este regresso em palavras. Essas lembranças são a presença do fato ou da lenda, que se fará latente em nosso coração, em cada percurso da história “*que o estrangulado corpo esquece*”. E assim, não apagamos as imemoráveis lembranças da vida, porque essa chama da lembrança ateia nosso pensamento.

O que traz claridade a esta obra é o fato sombrio e, talvez, místico que além ou aquém dá passagem às referências literárias para compor a história e que, a cada página nos impressiona com o que aqui é

¹Tânia Du Bois - residente em Balneário Camboriú, SC. Pedagoga. Articulista e cronista; textos em diversos portais, sites e blogs literários. Colunista d'A Revista de SC. Autora dos livros *Amantes nas Entrelinhas* e *O Exercício das Vozes*.



retratado sobre a vida de Maria Pequena. Mesmo sendo uma triste história, existe nela a magia que vagueia na lembrança dos autores e agora, dos leitores, onde o corpo já vencido bate agora sem pressa, em cada coração e, por vezes, no seu fervor sacrifício estabelecido pela história como um marco: Maria Pequena santa, heroína ou mártir?



PREFÁCIO

Marília Matos²

Quando criança, acompanhava minha mãe, Izabel, e minha avó, Liberata, no ritual de Finados todos os anos. Com flores e velas, íamos ao cemitério rezar pelos parentes que já tinham partido. E, nessas visitas, sempre fazíamos uma parada na Cruzinha. Lá, me diziam, estava enterrada uma mulher que foi morta injustamente na revolução de 1893. Era Maria Pequena.

A vítima da guerra fazia parte do imaginário popular. Era comum ouvir que “os homens degolaram a Maria Pequena e ela aparece à meia noite de sexta-feira, com muitas velas acesas”. Outros lhe atribuíam milagres.

A obra “Dispersos de Maria Pequena”, coordenada por Miguel Guggiana e organizada por Tânia Du Bois, por meio do Projeto Passo Fundo, nos presenteia com uma coletânea de notas, artigos de jornais, documentos antigos sobre essa personagem da nossa história e do nosso imaginário. “Dispersos de Maria Pequena” dá destaque à memória oral a valorizar o trabalho de pessoas que se dedicaram em contar nossa história, como Gomercindo dos Reis.

Conhecer detalhes da vida de Maria Pequena nos permite entender melhor a revolução de 93 e os jogos de poder que se estabeleceram no conflito. As desavenças e medos gerados naquele período marcaram gerações. A degola era uma atrocidade comum cometida contra o inimigo. Maria Pequena foi uma mártir. Trazer à tona a sua história é uma forma de homenagear a todas as vítimas desse episódio sangrento da história gaúcha.

² Marília Mattos - costuma dizer que é catarinense de nascimento e gaúcha de coração. São incontáveis os trabalhos e participações, bem como publicações e apresentações. Co-autora de diversos livros, tem trabalhos publicados em jornais e revistas locais, estaduais e nacionais.



O resgate da memória coletiva é de suma importância, ele dá uma nova dimensão às ciências sociais e pedagógicas. Essa obra é uma busca de fragmentos do passado, uma tarefa quase arqueológica, em que se analisa individualmente cada detalhe da informação para se compreender onde ela se encaixa no cenário histórico. É um trabalho, sem dúvida, de grande valor. Além de localizar documentos, joga luz sobre um tema fundamental para nossa história, e oferecerá, tenho certeza, subsídios para profícuos intercâmbios acadêmicos e debates entre pesquisadores e historiadores. Que tenhamos, cada vez mais, trabalhos como esse. Estudando o passado, podemos avançar no presente e projetar o futuro.

Agradeço muito o convite para prefaciar essa obra. Encerro minha modesta contribuição com um pensamento do filósofo alemão Walter Benjamin: “Felizes as pessoas que têm algo a contar, pois elas não se deixarão brutalizar pelo consumismo, pela futilidade, pela pobreza de experiência.”





Serafim Rodrigues de Magalhães (1952)³

³ Serafim Rodrigues de Magalhães - Nascido em Alegrete/RS, desenhista, ilustrou “Uma gota de vida” de Simone do Valle Muller e “Nuvens e Rosas” de Gomercindo dos Reis, serviu no 1/20ºRC (1 Esquadrão do 20º Regimento de Cavalaria), em Passo Fundo, Cartógrafo.

O SOPRO DA LEMBRANÇA

Palavras podem ter movimento
ao permitir flexibilidade do tempo na literatura.

“O que o olhar não diz / perdidamente // há de lembrá-lo...”
(Virgílio Alberto Vieira)



AS DUAS MORTES DE MARIA PEQUENA

Gizele Zanotto⁴

“É mais digno e mais nobre homenagear a memória dos mortos do que bajular os vivos..”

[Gomercindo dos Reis]

A rica e complexa história de Passo Fundo não deixa de surpreender, em especial no que concerne às crenças políticas, sociais e religiosas de sua população étnica e culturalmente plural. Após avaliar algumas das manifestações religiosas cidadinas – especialmente as romarias de Nossa Senhora Aparecida e São Miguel, bem como o culto à Maria Elizabeth -, nos deparamos com memórias acerca da dita “primeira santa popular de Passo Fundo”, cognominada Maria Pequena. Os relatos sobre o “martírio” de Maria Meireles Trindade instigam várias reflexões. Neste artigo, tecemos algumas deles de modo inicial, pois, ainda há muito que pesquisar e aprender sobre a “santa popular”, que teve sua devoção findada e sua história silenciada por decisões políticas em nada destituídas de sentido(s).

⁴ Gizele Zanotto - Possui graduação em História (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999), mestrado e doutorado em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003 e 2007) e pós-doutorado pela Universidad de Buenos Aires (2014). Atualmente é professora nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo - UPF. É coordenadora do Curso de História, do Núcleo de Estudos de Memória e Cultura (NEMEC), do Arquivo Histórico Regional (AHR) e vice-coordenadora do Grupo de Trabalho de História das Religiões e Religiosidades da ANPUH no Rio Grande do Sul (2014-2016).



Maria Meireles Trindade em contexto

Em fins do século XIX a vida cotidiana na cidade de Passo Fundo foi agitada em função das polarizações políticas que abrangiam o estado do Rio Grande do Sul. Com uma história marcada pela dicotomia entre líderes locais, novamente, vemos uma situação análoga desenvolver-se pouco após a instauração da República no país. Foram consideráveis os reflexos da denominada Revolução Federalista no estado extremo-sulino, especificamente entre a população passo-fundense.

Com a conformação de forças conflitivas entre os denominados maragatos (federalistas, gasparistas) e pica-paus (republicanos, castilhistas) o cenário local foi mobilizado pelas forças defensoras do modelo federalista de maior autonomia ao estado, preconizado pelo Partido Federalista (PF), liderado por Gaspar da Silveira Martins, e a proposta republicana defendida pelos membros do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), conduzido por Júlio Prates de Castilhos, então Presidente do Estado e idealizador da Constituição Estadual de 1891. Pouco depois, Castilhos fora deposto e uma série de líderes passou a comandar o estado, num período designado “governicho”, dada a efemeridade de cada um dos substitutos do líder do PRR. Em 1893 as tensões precipitaram conflitos armados que se prolongaram até 1895 e que se estenderam a Santa Catarina, Paraná e até ao Uruguai.

Passo Fundo foi o cenário de vários enfrentamentos da Revolução Federalista e, para além dos conflitos cruentos, a população viveu momentos de tensão, medo e mesmo de fuga ante a repercussão da disputa política e bélica que se estabelecera. Entre as batalhas de relevo que assolaram a região, Monteiro elenca os combates do Boqueirão, do arroio Teixeira, do Passo da Cruz, do Umbu, dos Valinhos, dos Três Passos, do Pulador e mais uma série de “combates menores ou menos conhecidos” (Paulo Monteiro, *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo*. 2006). No entremeio dessas peleias tivemos eventos significativos que mobilizaram a população; entre eles está o assassinato de Maria Meireles Trindade, a Maria Pequena.

Segundo os registros, Maria Meireles era filha da caingangue Marcelina Coema – “*uma formosa bugrinha das selvas de Nonoai*” (REIS, *O Nacional*, 01 de junho de 1955, p. 02) - e de Nicanor Trinda-



de, portanto, sua ascendência seria etnicamente dupla, algo comum à época, mas também pejorativamente considerado pelas teorias raciais vigentes e aceitas por grande parte das elites sociopolítica e econômica. Maria Meireles teria se casado com o Tenente Marciano Angelino, defensor do legalismo-republicano-castilhistas, e que atuou no conflito contra os federalistas, ao lado do seu filho. O casal vivia em Passo Fundo, na região da atual Vila Carmen (Figura 1).

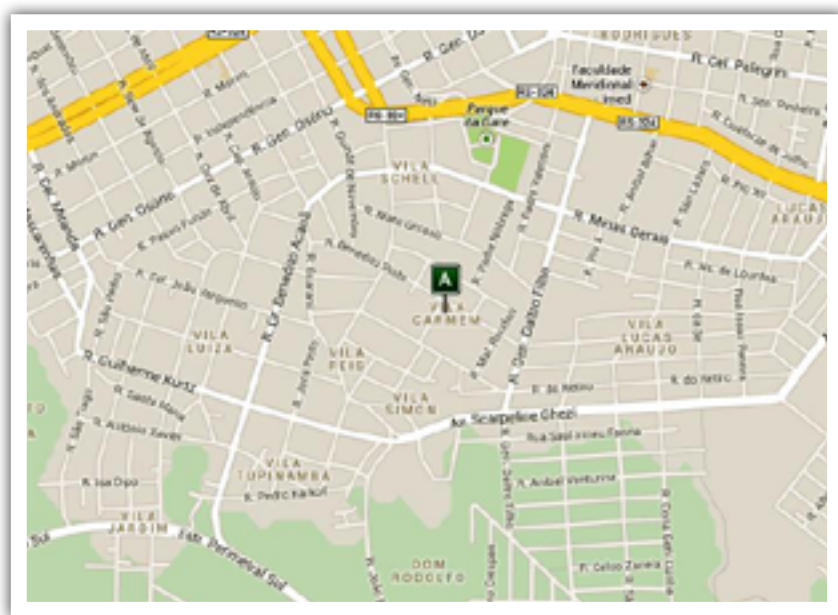


Figura 1 - Mapa de Passo Fundo - destaque para a Vila Carmen

Segundo registros de Gomercindo dos Reis (1898-1965) que, nos anos 1950 coletou informações e entrevistas, visando produzir a obra, *A tragédia da Cruzinha*, acerca de Marcelina Coema e de Maria Pequena – nunca publicada na íntegra –, para além de seu assassinato, outros dados apresentados são relevantes para a compreensão da rápida e eficaz fama de “santa” que a mesma recebeu após o falecimento. Em artigo publicado no jornal *O Nacional*, Reis nos informa que Maria Trindade tinha fama de “vidente”. Nesse sentido, sua constituição como



pessoa singular, mediadora dotada também de dons premonitórios, lhe consagrava perante a comunidade local e mesmo regional. Segundo Reis, “*Maria Pequena, que falava com Nossa Senhora, era vidente antes de morrer. Consultada por comandantes de corpos em 1893, ela previu a derrota das forças legalistas nos combates de Valinhos e Três Passos*” (REIS, *O Nacional*, 01 de junho de 1955, p. 02).

Tais informações nos levam a considerar que ainda em vida Maria Trindade destacava-se como figura portadora de expressivo poder simbólico e respeito. Afora sua vinculação marital com um tenente, observar que a mesma ter feito consultas a comandantes de corpos indica um trânsito e um respaldo ante personalidades da época, mesmo sendo uma mestiça – “*bugra, índia, pobre*” (Miguel Guggiana, *Culto a Maria Pequena. Projeto Passo Fundo, 2012*). Considerando esta situação como derivativa de um *dom extracotidiano*, conforme definido por Weber, podemos observar que a “vidente” só o era assim considerada por que pessoas viam e/ou lhe atribuíam tal faculdade, tal carisma, tido como “uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (...), em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou, então se a tomam por enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como ‘líder’” (Max Weber, *Economia e Sociedade*, 2000. p. 158/159).

Nesse sentido, o encontro trágico de Maria Meireles com soldados federalistas, ocorrido em 28 de novembro de 1894, ampliaria ainda mais a reverência já existente acerca de seus dons. As crônicas relatam que, em fins de novembro, um grupo de maragatos fora em busca do tenente republicano Marciano Angelino, esposo de Maria, bem como de seu filho, também soldado. Inicialmente, a busca teria se dado na residência de Marciano Angelino e Maria Trindade. Não encontrando ninguém, os maragatos teriam sido informados (por quem???) de que a esposa estaria na região do Arroio Raquel (Figura 2), onde fora lavar roupas.





Figura 2 - Mapa Atual de Passo Fundo – Vila Carmem e Arroio Raquel

Chegando ao local, os maragatos teriam inquirido Maria Trindade sobre o paradeiro de seu marido e filho. A memória desses fatos foi narrada por Reis e replicada por outros autores, poetas e outros artistas. Ney d’Avila detalha que “Segundo a tradição oral Maria Meireles Trindade encontrava-se lavando roupas no Arroio Raquel, nos arredores da então cidade de Passo Fundo. Alguns federalistas que andavam a procura do esposo dela a encontraram ali e a interpelaram. Maria Pequena negou-se a informar onde se homiziara o marido, o qual estava acompanhado por um filho adolescente. Diante da negativa fora degolada. Um típico ato de vingança, certamente motivado por algum “acerto de contas” com o procurado.” (Ney d’Avila, ver capítulo Maria Pequena e o Cemitério da Cruzinha desta obra).

Violências a mulheres e crianças – tidos como inocentes - durante os conflitos do século XIX no Rio Grande do Sul não eram raridade. O próprio Paulo Monteiro, em obra sobre essa questão, salienta estupros e assassinatos ocorridos no contexto da Federalista em Passo Fundo (Paulo Monteiro, *O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas*. 2006). Nesse sentido, a procura e pressão sobre Maria Trindade se coadunam com o contexto geral de brutalidade, desmandos, agres-



sões, perseguição, vingança, coação e assassinatos que permeavam as relações sociais, tanto em momentos de paz quanto, ou ainda mais, em tempos de conflito. Todavia, ao tratar de Maria Meireles Trindade, os fatos teriam sido agravados pela sua “heroica” recusa em colaborar com o “inimigo”. Segue, Monteiro, narrando que Maria “Disse que não sabia onde o esposo se encontrava. Levou um pontaço de faca, e continuou negando. Esfaquearam-na, uma segunda vez. Manteve a negação. Mais uma facada, e outra negativa. Sentindo que nada arrancariam daquela mãe e esposa, degolaram-na ali mesmo. No próprio local do martírio foi sepultada por mãos caridosas” (Idem, p. 82). Seu túmulo permaneceu no local até a década de 1950, quando, em função das reformas das vias urbanas, foi removido.

A “santificação” de Maria Pequena

Imediatamente após a morte, segundo os registros, teriam iniciado práticas de devoção e deferência à Maria Trindade, que passa a ser conhecida como Maria Pequena. Considerando seu carisma anterior à morte, derivado de sua pretensa vidência e diálogo com Nossa Senhora, imaginamos que a morte violenta só ampliou a fama desta mulher. Enfrentando soldados visando defender a sua família e demais envolvidos com o legalismo, Maria Trindade evidenciou coragem, força e determinação. Segundo Reis, Maria Pequena “foi mártir de sua fé cristã, do seu amor filial e conjugal e ainda de sua inabalável crença republicana” (REIS, *O Nacional*, 01 de junho de 1955, p. 02). Vemos aqui acionadas várias motrizes de deferência à vida e memória da “vidente”. O autor, responsável pela redação de um “livro histórico, épico, humorístico e lírico, com um fundo religioso” (Idem), dá importantes vínculos que, associados à “mártir”, não poderiam ser olvidados.

Inicialmente, Reis destaca a sua fé cristã. Não á toa, o próprio autor menciona no mesmo artigo que Maria Pequena falava com Nossa Senhora. Considerando a força do catolicismo na história estadual e regional, tal vínculo traz legitimidade a esta mestiça que, de casa, traria cultura diversa aos ideais “cristãos civilizacionais”, por ter na mãe uma “natural desta terra”. O catolicismo, naquele contexto, redimiria,



assim como tornaria possível, a inserção de todos no espectro salvífico e civilizacional católico-brasileiro, visto que até 1891, quando, após instauração da República foi promulgada a primeira Constituição Republicana, o vínculo à Igreja Católica é que tornava possível não só o acesso aos bens de salvação mas também a cargos, direitos e mesmo cidadania. Ser católico significava estar inserido nos ditames do progresso e do país.

Esta referência tornava a imagem de “bugrinha” mais “palatável” à sociedade passo-fundense, especialmente ao se tornar esposa de um tenente, representante do poder militar estatal nessas plagas do Planalto Médio. Junto a isso, seu vínculo católico é articulado com a figura de Nossa Senhora, intercessora principal entre os homens e Deus, entre os homens e seu filho. Um vínculo direto com a Nossa Senhora legaria à Maria Trindade a conexão direta com o sagrado pela via preferencial, pela via maternal. Considerar Maria como mártir da fé cristã, como Reis o fez, imaginamos, articula também a sua morte à defesa da religião, à defesa do *status quo* e do que fora considerado um dos pilares da identidade brasileira então a se constituir.

Todavia, não fora somente o vínculo cristão que marcou a vida de Maria Trindade. Para Reis ela era também vidente, alguém que vê, um ser com capacidade de prever, de antecipar os acontecimentos e, por isso, alguém digno de admiração e, porque não, de temor. Este dom a teria tornado conhecida e reconhecida. Considerando que também pudesse conhecer seu destino, Maria teria sido mais digna de honras por não escapar de tão trágico fim, de proteger os seus e, com isso, a peleia republicana. Neste sentido é que entendemos a deferência de Reis ao considerar Maria Pequena como mártir republicana.

Sua degola instigou a construção de seu túmulo, significativamente na região em que fora assassinada. Tal situação constituiu tanto um lugar sagrado (lugar de veneração), quanto um objeto sagrado (a própria morta), que passa a ser reverenciada diariamente, recebendo flores, velas e, claro, pedidos que foram pretensamente atendidos, consolidando sua imagem de “santa popular”, capaz de realizar pedidos e milagres.

Segundo Vauchez, o processo de santificação de um personagem incute na configuração de um ritual que pouco a pouco vai dissociando



a imagem do personagem vivo (no caso, de Maria Trindade) de seus vínculos com homens-mulheres comuns (André Vauchez, *Santidade – Enciclopedia Einaudi*, 1985. p.290). Suas características ordinárias são diminuídas e mesmo silenciadas – vida sexual, dívidas, características ruins, conflitos, etc. – em razão da ascendente consideração de seus atributos – bondade, caridade, vidência, mediação, contato com o sagrado, modelo de virtude etc. O santo, após ser constituído como tal, põe seu poder a serviço do homem: “Os fiéis, e, em breve os devotos do santo, não se enganam: todos sabem que o homem de Deus é capaz de operar milagres e que praticamente não pode recusar-se a realizá-los” (Idem). Em busca de realizações concretas, os devotos de Maria Pequena prestam-lhe homenagens, mas também suplicam sua ajuda para resolver questões cotidianas de enfermidades, conflitos, miséria, tensões. Buscam apoio e milagres. Buscam amparo.

Uma das formas com que a devoção e crença em Maria Pequena nos mostrou sua efetividade ante os fiéis foi a constituição, ao redor de seu túmulo, de um cemitério de “anjinhos”, crianças falecidas antes dos sete anos que foram enterradas no “espaço sagrado” do cemitério, que ficou conhecido como Cemitério da Cruzinha. Ali se buscava proteção para as almas dos “inocentes” que seriam apoiados pela mãe mártir que defendeu seu próprio filho até a morte. Seu culto perdurou, se consolidou, pois tido como eficaz: “Maria Pequena é estimado por milhares de pessoas, que admiram a sua memória e acreditam nos seus milagres” (REIS, *O Nacional*, 01 de junho de 1955, p. 02).

As comemorações do centenário de Passo Fundo e o remodelamento urbano

São raros os vestígios da história de Maria Pequena, assim como são raras e/ou desconhecidas imagens de seu túmulo. Esta situação também se vincula as expressivas mudanças urbanas implementadas em Passo Fundo nos anos 1950, quando da preparação dos festejos dos cem anos de emancipação e da constituição de uma imagem citadina marcada pelo progresso que teria constituído o município como capital regional e que desembocaria num futuro próspero para todos.



Para tanto era necessário não só refletir sobre a história da cidade – um dos motes para a criação do Centro de Estudos Históricos de Passo Fundo (1954) - atual Instituto Histórico de Passo Fundo -, mas, também adequá-la ideologicamente ao perfil que se visava, ou seja, construir uma conexão entre passado, presente e futuro. Junto a isso, comissões foram montadas para dar conta da reordenação urbana, do calendário de festividades e da construção estrutural que desse conta da ampla agenda de eventos previstos.

Para além das narrativas produzidas sobre a cidade em seu processo histórico-social e da prospecção de um núcleo centralizador regional – Capital do Planalto – pensada e construída no período, houve a consideração de que também a própria cidade transmitisse tal discurso. Nesse sentido, o Plano Diretor de 1953 preconizava alterações modernizantes que dessem à cidade o “tom” de desenvolvimento e progresso vislumbrados como decisões políticas. Neste plano estava prevista a construção e urbanização de ruas, melhoramentos de calçamentos das vias públicas, reordenação de alguns traçados citadinos e, entre tantas situações, a remoção do Cemitério da Cruzinha em função do prolongamento da rua Coronel Chicuta e da construção de nova ponte de ligação sobre o Arroio Raquel (ver Figura 2).

Muitas obras eram necessárias à cidade e foram realizadas sem suscitar polêmicas, todavia, a remoção do túmulo da “santa” instigou mobilizações. Como personagem dessa situação vemos Gomerindo dos Reis, ora atuando como munícipe/cidadão, ora como representante dos familiares de Maria Pequena. De fato, sua consideração pela tradição e devoção à falecida foram imprescindíveis para que tenhamos registros da história e memória acerca de Maria Pequena, praticamente desconhecida pela população contemporânea de Passo Fundo. Ainda, no Plano Diretor vemos uma imagem que nos intriga, inicialmente pela proximidade com um cemitério pequeno, em uma baixada, ao lado de uma casa de madeira. A imagem é cerca de outras que dão conta de moradias simples não identificadas em sua localização exata. A imagem nos remete ao Cemitério da Cruzinha (ver Figura 3), embora não tenhamos confirmação disso, nem no documento, tampouco de moradores mais antigos da cidade. De todo modo, nos parece instigante ver que esta fotografia



está impressa justamente no Plano Diretor que preconiza a melhoria viária e urbanística também da região da Vila Carmem. Até uma resposta efetiva sobre a questão, deixamos ao leitor a indagação e a imagem para que o esforço de identificação desta fotografia seja um dia realizada.



Figura 3 - Imagem de casas populares - Plano Diretor de 1953

A discussão sobre as alterações preconizadas pelo Plano Diretor para a região do Arroio Raquel só serão mencionadas na imprensa posteriormente. Em 27 de novembro de 1953, Gomercindo dos Reis publica notícia no jornal *O Nacional* indicando que, no dia seguinte, novamente uma romaria seria realizada pelos cidadãos até o túmulo de Maria Pequena, “heroína legalista” e milagrosa, objeto de devoção popular. Sem qualquer menção a transladação de seus ossos, o texto apenas indica que o trabalho para a produção da obra em honra a santa estava em andamento (REIS, *O Nacional*, 27 de novembro de 1953, p. 02).



Diversa foi a reportagem publicada pouco depois, em janeiro de 1954, intitulada *Será construída uma capela em honra a Maria Pequena*. Nela o articulista apresenta o cenário de obras para a melhoria das condições da cidade e que tem no calçamento da rua Cel. Chicuta uma de suas atuais demandas, que, registra o autor, estaria sendo acolhida com satisfação pela população da região. Todavia, “as obras importarão em maiores lances, visto que meia quadra abaixo do local onde se encontram atualmente os trabalhos de calçamento, existe um regato, com uma ponte estreita sobre a rua e, no lado, o pequeno cemitério de Maria Pequena, objeto de devoção dos passofundenses”. Para o prosseguimento das obras será necessário refazer a ponte e remover o pequeno cemitério que fica em plena rua, segundo a informação publicada (O NACIONAL, *O Nacional*, 05 de janeiro de 1954, p. 04).

A transladação de cemitérios do centro das cidades para áreas afastadas foi uma marca da virada do século XIX para o XX, tendo sido impulsionada tanto pelas questões de urbanidade quanto de salubridade. Nesse ínterim, foi inaugurado o Cemitério da Vera Cruz, em 1º. de janeiro de 1902 que, durante as primeiras décadas de funcionamento, acolheu em seu espaço os restos mortais de cemitérios da cidade, que foram desativados. Esta situação não havia até então abarcado a transladação dos ossos de Maria Pequena e dos “anjinhos”, todavia, nos anos 1950 a situação tornou-se insustentável, vistas as determinações do novo Plano Diretor. Assim, a administração municipal faria este trabalho, o que não seria em nada ordinário. Segundo a reportagem jornalística, “Não se poderá fazer uma transladação pura e simples para um dos cemitérios da cidade. Não. Isso porque Maria Pequena é objeto de culto de parte das pessoas humildes, que veneram sua memória, considerada milagrosa, acendendo velas todas as noites e cercando o cemiteriozinho de todos os cuidados e atenções”, e segue, “Profanar os restos de Maria Pequena, lançando-os numa tumba qualquer, num dos cemitérios da cidade, causaria espécie entre o bom povo daquelas redondezas” (O NACIONAL, *O Nacional*, 05 de janeiro de 1954, p. 04).

Visando chegar a bom termo, ante a singular realidade da situação, o vereador Angelino Rafael Jacini teria estabelecido diálogo com o Sr. Floriano Schercher/Schroecker/ Schorcher (o nome sofre expressivas variações a cada menção) acerca da doação de parte de seu



terreno para a construção de uma capela próxima ao local original. O articulista registra o sucesso dessa tratativa que consagrará um espaço novo para os restos mortais a serem retirados futuramente. Findando o texto o autor destaca dados da vida e morte de Maria Pequena e destaca: “Seu martírio calou no espírito do povo que, desde então, venera a memória de Maria Pequena, como uma santa protetora” (O NACIONAL, *O Nacional*, 05 de janeiro de 1954, p. 04).

O trabalho de remoção dos ossos foi realizado em maio de 1955 sob o olhar atento de muitos devotos, repórteres e personalidades, como Gomercindo dos Reis, que narrou os fatos: “Era grande a expectativa das pessoas que desejavam ver os restos mortais da milagrosa, os quais estavam colocados dentro de uma carneira com paredes de tijolos (...) Apesar de transcorridos 62 anos de seu falecimento, foram retirados diversos ossos em perfeito estado, como gambia, antebraço, vértebras, partes do crânio e quatro dentes perfeitos”. (REIS, *O Nacional*, 05 de janeiro de 1954, p. 02). Os restos mortais de Maria Pequena e dos anjinhos foram inseridos em uma pequena urna e encaminhados até a catedral para ali permanecerem até ser construída a capela e lá serem depositados seus ossos de modo definitivo. Anunciava-se que tal evento se daria no aniversário de morte da “santa”, em 28 de novembro quando, então, “A memória de Maria Pequena será reverenciada pelos seus crentes, admiradores e tradicionalistas de Passo Fundo” (Idem). Ideal instigante, derivado da expectativa da ereção da capela que deveria ocorrer; porém, o futuro se mostrou diverso do prospectado.

Uma “santa” sem capela – a segunda e derradeira morte de Maria Pequena

Transladados os restos mortais de Maria Pequena para a nova diocese de Passo Fundo, instituída em 1951 após décadas de trabalho intenso e negociações, a situação do culto à “santa” se modificou profundamente. O espaço da catedral em 1954 ainda em construção e finalização, não tinha seu acesso livre em todos os horários e momentos. Os devotos ficaram literalmente distanciados de seu objeto de culto. Nesse sentido, nos são caras as considerações de Andrade acerca



da santidade em sua relação cotidiana com os fiéis: “O homem religioso deseja viver o mais perto possível do sagrado. Ele sente necessidade do sagrado no seu dia-a-dia e, como Deus, o Ser supremo está distante, “afastado”, o homem procura experiências religiosas mais “concretas”. Ao substituir a própria divindade, ao deixar de ser um intermediário, o santo pode realizar a sua manifestação máxima: o milagre” (Solange Ramos de Andrade, *A religiosidade católica e a santidade do mártir - Projeto História*, 2008. p. 253). Embora a memória de Maria Pequena fosse lembrada pela população, um local de devoção que possibilitasse proximidade, intimidade, um espaço sagrado de culto de fato não existia e este distanciamento, acreditamos, foi imprescindível para que a força das crenças em seus milagres fosse minorando.

Ao instituir-se uma diocese local, o controle e a disciplina eclesial e laica foram ainda mais visadas. De tal modo que não nos parece fortuito o interesse em recolher os vestígios de Maria Pequena à catedral – símbolo mor do poderio regional da Igreja local, mesmo que de forma passageira, como era o intento inicial. O mesmo processo é visto por todo o estado e país e também se deu com a Romaria de São Miguel, como evidenciam estudos de caso. Ainda há que se rememorar que o combate ao denominado “catolicismo popular”, devocional e pouco ritual, estava vigoroso e mobilizava esforços de religiosos desejosos de separar práticas tidas como errôneas do “verdadeiro” catolicismo. Também, Guggiana reflete sobre a situação pouco ordinária da transladação dos restos de Maria Pequena à catedral, ao apontar: “À primeira vista caracteriza uma admissão da Igreja, não quanto a santidade de Maria Pequena, mas quanto à sua importância no ambiente religioso da comunidade popular. Sob outro foco, eliminando seu culto, confinando-o num local sob seu controle e que não permitia visitas, colocação de adereços, agradecimentos a graças recebidas, atitudes comuns nesses casos” (Miguel Guggiana, *Culto a Maria Pequena. Projeto Passo Fundo*, 2012). A devoção a “santos” não reconhecidos pelos trâmites da Igreja Católica eram elencados nessa categoria como forma de diferenciação e mesmo de crítica aos procedimentos fluidos, dinâmicos e compósitos vivenciados pelos fiéis, longe da batuta institucional. Como bem destacou Andrade, “Uma religião não será percebida enquanto “popular” senão quando uma religião “oficial” a declara ultrapassada e não legíti-



ma” (Solange Ramos de Andrade, *A religiosidade católica e a santidade do mártir - Projeto História*, 2008. p. 238).

Para além do exposto, há que mencionar que o destino efetivo da ossada ainda é motivo de controvérsia, situação já exposta por vários analistas desse caso. Considerando o apreço do catolicismo com o controle e os registros em geral diários das atividades em seus vários espaços de atuação, soa estranho esta recorrência de falta de informações precisas sobre o paradeiro da urna. Pautando-se em memórias de um antigo ex-padre – Sr. Jacob Stein, em diálogo com Heleno e Marco Antônio Damian – há indícios da localização sob o antigo altar-mor da catedral, todavia, a falta de documentação do processo é absolutamente questionável e estimulante.

Finalizamos estas considerações retomamos outras questões que nos são instigantes e que foram expressas textualmente por Monteiro, em diálogo com Guggiana. Para além de questões religiosas, a devoção à mestiça e pobre Maria Pequena afrontaria também as lideranças republicanas passo-fundenses, “tanto é verdade que alguns faziam passar a idéia de que ela era uma prostituta, o que não era verdade”. Segue Monteiro, “A “elite” republicana era formada por descendentes de homens que massacraram os índios para tomarem suas terras. Tanto que o primeiro aldeamento (depois reserva) indígena do Rio Grande do Sul (Nonoai) surgiu no município de Passo Fundo. Uma “bugrinha”, uma “china”, filha de branco e índia, é degolada e transformada em santa popular. E se a reunião em torno dessa “bugrinha” se transforma em um movimento de contestação à “elite”. Enquanto os “capitães”, “majores”, e “coronéis” republicanos enciumados de suas mulheres mandaram degolar o próprio Padre Ramos, Maria Pequena era santificada pelo povo” (Paulo Monteiro, Apud: Miguel Guggiana, *Culto a Maria Pequena. Projeto Passo Fundo*, 2012).

As marcas das polarizações sociais, econômicas, políticas e culturais em Passo Fundo têm longa data. Em vários momentos de sua história a exacerbação das mesmas constitui-se em vetor de conflitos que extrapolam a realidade local e intervém na vida social e cotidiana. Tais marcas, entretanto, não se desfazem ao restabelecerem-se as situações tidas como normais. O cotidiano mantém muito dessa polarização como um dos instrumentos culturais de leitura de mundo



e de vetor de ação neste mundo que ordenam o pensar e o agir da população local. Com a história de Maria Pequena, ainda permeada por conflitos de memórias dissonantes ante sua vida, morte e dons, vemos a mobilização desse perfil. Para além dessas dicotomias, que mais prejudicam do que auxiliam a compreensão da riqueza cultural cidadina, vemos a importância sociocultural e política de uma devoção estabelecida pela população local nos anos atribulados de virada do século XIX para o século XX – atribuições essas que certamente em muito contribuíram para a busca de intermediação e consolo através de Maria Pequena, a “bugra, índia, pobre, mas nossa, vitimada por facinoras à beira de um riacho” (Miguel Guggiana, Culto a Maria Pequena. Projeto Passo Fundo, 2012).

Anos depois outra morte trágica irá mobilizar a população em devoção a uma nova “santinha” de Passo Fundo. O atropelamento da menina Maria Elizabeth de Oliveira, em 28 de novembro de 1965, acontecimento que teria sido previsto pela mesma, produziu uma imensidão de fiéis que ano a ano aumenta. Diante de tão intenso e crescente culto, um processo oficial pela beatificação de Maria Elizabeth foi iniciado e os rituais relacionados a homenagear a “santinha” são mediados por representantes religiosos. Perdeu-se uma santa “atropelada” pelas odes ao progresso, modernização e desenvolvimento de Passo Fundo; anos depois se ganhou uma nova santa “vidente” vitimada pelo trânsito nas remodeladas e calçadas vias da cidade – ironia como diria o pesquisador Diego Dal Bosco Almeida??!! De fato o dia 28 de novembro continua sendo mobilizador de crenças, de práticas devocionais, de agradecimentos por graças alcançadas e de novos pedidos de auxílio, proteção e bênçãos.



A PRIMEIRA SANTA POPULAR PASSO-FUNDENSE

Paulo Monteiro⁵

15/09/2010

A Revolução Federalista foi um dos períodos mais violentos e traumáticos da história do Rio Grande do Sul, de maneira geral, e de Passo Fundo, em particular. Joaquim Thomaz dos Santos e Silva Filho, quando entrou na cidade, ao entardecer de 8 de fevereiro de 1894, após o Combate dos Valinhos encontrou uma cidade arrasada, com as casas comerciais arrombadas e cadáveres pelas ruas. Segundo o historiador Antonino Xavier e Oliveira, que participou daquela revolução ao lado das forças republicanas, o saldo foi devastador: mais de duas mil vítimas, no município, e a economia aniquilada.

Como sempre, quem mais sofreu foram as mulheres, os velhos e as crianças, em especial, os mais pobres. Talvez porque as mulheres sejam contadas entre as maiores vítimas é que uma destas, Maria Meireles Trindade, conhecida como Maria Pequena, tenha se transformado na primeira santa popular passo-fundense.

No dia 28 de novembro de 1894, um piquete de cavaleiros maragatos procurou pelo marido de Maria Pequena, que integrava as forças pica-paus, na casa da família. Não encontrando ninguém, ficaram sabendo que Maria estava lavando roupas no Arroio Raquel, entre a atual rua Mato Grosso e a Rua 1º de Maio, na Vila Carmem.

⁵ **Paulo Monteiro** - Escritor, Historiador, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e de outras entidades culturais do Brasil e do Exterior. Autor de “Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo” de 2006; “O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas” de 2010; “A Campanha da Legalidade em Passo Fundo” de 2011; “eu resisti também cantando” de 2012. Patrono da 27ª Feira do Livro em Passo Fundo em 2013.



O militar republicano, junto com o filho adolescente, havia procurado abrigo na casa de amigos na Coxilha dos Valinhos, esperando a melhor oportunidade para proteger-se num local mais seguro.

Maria Trindade foi dominada, e exigiam que confessasse onde se encontrava o marido. Afirmou que não o sabia. Recebeu uma punhalada para que confessasse. Continuou negando. Foi apunhalada mais uma vez. As negativas continuaram. Deram-lhe uma terceira punhalada. As negativas continuaram.

É possível que, nesse instante, a visão do esposo e do filho sendo degolados tenha passado pelos seus olhos. Parecia um pesadelo. Os algozes seguraram os seus cabelos lisos, que foram puxados para trás, deixando a garganta exposta. E a filha da índia Marcelina Coema sentiu a veloz ardência de uma faca, aparando as jugulares. Correu alguns metros e caiu de bruços - pois assim acontecia com todas as vítimas desse bárbaro martírio.

Os carrascos partiram. O corpo de Maria ficou, no gramado que margeava o Arroio Raquel. Mais um testemunho mudo da “revolução da degola”. Generosas mãos ali sepultaram a mulher que morreu para proteger o marido e o filho.

Numa época em que a mortalidade infantil era muito elevada, aos poucos, ao lado da sepultura da degolada, que dera sua vida, também pela do filho, foram sendo sepultados “anjinhos”, como eram chamadas as crianças falecidas antes dos sete anos.

E Maria adquiriu fama de santa. Passaram a atribuir-lhe milagres, a acenderem velas e a oferecerem flores em sua homenagem.

Na década de 1950 a cidade expandiu-se para além do Arroio Raquel. O Cemitério da Cruzinha, como era conhecido, foi extinto e as ossadas transferidas para o Cemitério Municipal da Vera Cruz. A imprensa da época registrou que os ossos de Maria Meireles Trindade foram guardados na Catedral de Passo Fundo, à espera de que construíssem um mausoléu, no Cemitério da Vera Cruz. O mausoléu não saiu e as relíquias da “santinha” desapareceram.

No ano passado, após no “Seminário 111 anos da Batalha de Passo Fundo”, fui abordado por uma senhora em busca de informações sobre Maria Pequena. Informei-lhe o que sabia e perguntei o porquê do seu interesse. Disse-me que era bisneta de Maria Trindade e



que seu velho pai tinha o sonho de descobrir onde se encontravam os restos mortais da avó. Recomendei-lhe que procurasse as autoridades religiosas responsáveis pela Catedral. Fê-lo e disseram nada saber sobre o caso.

O repórter policial que já fui entrou em ação. E acabei descobrindo com o incansável pesquisador Heleno Damian que este obtivera do ex-padre Jacó Stein a informação de que os ossos de Maria Pequena estavam depositados sob o antigo altar mor da Catedral de Passo Fundo. Jacó Stein, quando pároco daquele templo, sensibilizado com a urna guardando os ossos de Maria Trindade, mandara que, devidamente protegidos, fossem depositados debaixo do altar.

No dia 30 de novembro deste ano, ao lançar “Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo”, como sempre o tenho feito, prestei uma homenagem às vítimas daquele sanguinário movimento armado. Ao autografar exemplar do livro para a professora Tânia Maria Trindade de Melo, pedi ao meu bom amigo Heleno Damian que dissesse à bisneta de Maria Meireles Trindade, o local onde repousam os ossos de sua bisavó.

Emocionamo-nos todos os presentes. Pelo menos de uma das vítimas, transformada na primeira santa popular passo-fundense, nós sabemos onde seus restos mortais descansam.

Como tenho dito, a Revolução Federalista está muito mais presente em nossas vidas do que imagina a nossa vã filosofia.



MARIA PEQUENA, A MATA HARI PASSO-FUNDENSE

Hugo Roberto Kurtz Lisboa⁶
30/06/2007

Durante a Primeira Guerra Mundial, que não foi primeira nem mundial, Mata Hari, uma bailarina holandesa, enfeitiçou os homens da época. Dormiu com franceses e alemães e, acusada de passar informações para os dois lados, foi julgada espiã e fuzilada, na França, em 15 de outubro de 1917.

Bem antes disso, em 28 de novembro de 1893, durante a Revolução Federalista, Maria Meireles Trindade, mais conhecida por Maria Pequena, foi assassinada com três facadas e degolada no bairro onde hoje é a Vila Carmen, por um piquete dos maragatos, como me foi contado pelo Sr. César Melo, grande passo-fundense e conhecedor da história da cidade, que nasceu em Uruguaiana.

São poucas as informações sobre Maria Pequena. Nosso poeta e cronista, Gomercindo dos Reis, em um dos seus livros, *Nuvens e Rosas* (Veja nota do editor), descreve o fato com um pequeno texto e dois poemas. Relata que ela foi enterrada no cemitério da Cruzinha, na baixada da atual Rua Coronel Chicuta, em direção ao Bosque da Fundação Lucas Araújo.

⁶ Hugo Roberto Kurtz Lisboa - Endocrinologia membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo. Paralelamente aos seus estudos, é professor de Endocrinologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Passo Fundo. É também membro da Associação Brasileira de Endocrinologia e Diabetes, da European Neuro Endocrine Society e da Society for Endocrinology, Londres, Inglaterra. Há dez anos, dedica-se à pesquisa das doenças da tireoide e do Diabete Mellitus. Possui várias publicações em revistas e livros científicos tanto no Brasil como no exterior, como na revista *Clinical Endocrinology*, no ano de 1996.



Logo lhe atribuíram milagres e começou a ser reverenciada. Sempre luziam velas no pequeno cemitério, dos devotos que lhe prestavam homenagens ou pagavam promessas. Pessoas de idade, na nossa cidade, recordam-se claramente do local e da veneração de que ela era alvo.

Possivelmente, foi uma beata das pessoas humildes, já que na literatura oficial nada consta a seu respeito.

Conta nosso vate, Gomercindo dos Reis, que o seu túmulo estava quase no meio da rua Coronel Chicuta, quando da abertura do acesso à recém-criada Vila Carmem, em 6 de setembro de 1929. A nova rua passava por dentro do cemitério. Seus restos mortais teriam sido trasladados para a Catedral Nossa Senhora Aparecida onde esperariam a construção de um mausoléu votivo, o que nunca ocorreu; o ex-padre Jacó Stein revelou aos pesquisadores Heleno Damian e Marco Antônio Damian que os seus restos permaneciam sob o altar-mor da Catedral.

Outra versão conta que Maria Pequena teria tido um tórrido caso de amor com o General Prestes Guimarães, neto do Cabo Neves. Nesses encontros furtivos, atrás de um angico caído, passavam bons momentos enlevados pelo canto dos pássaros e pelo cheiro da grama. O General, despido de suas insígnias e de tudo o mais, levantava a Maria, que era pequena, e, colocando-a no tronco do angico, a deixava na zona de tiro do seu armamento. Num desses encontros, para se assegurar de sua continuidade, contou à Maria da sua importância na Revolução Federalista e mostrou-lhe seu rifle “Mannlicher”, novinho em folha, dizendo:

- Olha Mariazinha, botei fora as porcarias dos rifles Comblain e comprei trezentos destes Mannlicher para a minha Divisão. Agora, vamos ganhar a revolução; quero fazer peneira desses Pica-Paus de merda.

A Mariazinha não estava nem aí para a revolução. E claro que temia por seus filhos, mas, deixou-se seduzir pela pompa e circunstância do Antoninho Prestes Guimarães que, naquelas alturas, tinha ido a Vacaria receber Gumercindo e Aparício Saraiva, que vinham do Paraná.

Deixa estar que, passados alguns meses, quando levava uma trouxa de roupa para lavar no chafariz, deu de cara com o todo poderoso



so coronel Gervazinho Annes que, garboso em seu cavalo crioulo, não desgrudou os olhos de Mariazinha que, airosa e coquete, caminhava rebolando em direção à fonte.

Gervazinho, por seus próprios meios, arrumou um encontro com a Maria Pequena. Ela não era uma mulher volúvel, mas, naquele tempo, sem diversão e com a morte rondando por todos os lados, encontrar um homem daquela importância abrandava um pouco a sua triste vida. Imagine ser desejada por um General e um Coronel. Encantou-se com a fala mansa, mas decidida, de Gervásio. Não deu outra. Em pouco tempo estavam envolvidos num capão perto do Pinheiro Torto. Depois de atendidos em seus impulsos carnis, o Coronel, também para se exibir, mostrou-lhe sua Comblain velha de guerra e cantou vitória ante sua prenda. Ela olhou aquela arma e inocentemente, disse:

- Mas isto não é nada. Tu precisas ver o rifle do Antônio, aquilo sim é que é arma.

Pronto. Em pouco tempo, Gervazinho ficou sabendo do armamento do seu arqui-inimigo e, na posse dessas informações, lhe infligiu dura derrota.

Como em sociedade tudo se sabe. Prestes Guimarães, louco da vida pela derrota militar e pela desfeita de Maria Pequena, ordenou que um piquete fosse degolá-la. E assim foi feito.

A outra versão conta que um grupo de maragatos estava atrás do marido de Maria. Ele, que era Pica-Pau, havia fugido para Nonoai junto com um filho rapazote. Encontrando-a, torturaram-na cruelmente. Ela não deu nem um pio e, enraivecidos pela sua resolução e coragem, embrutecidos pela guerra sangrenta, lhe deram a primeira facada; duas outras se seguiram, deixando-a exangue no chão. Como era costume naquela época, degolaram-na, deixando seu corpo entregue aos urubus.

O povo humilde viu, naquele exemplo de abnegação, alguma coisa santa. Ela havia sido martirizada e não revelou onde estava o seu marido e o filho. A população da cidade, que vivia os colaterais da guerra e da barbárie humana, apegou-se ao drama. Rumores corriam que preces tinham sido atendidas por Maria Pequena. Em pouco tempo, os miseráveis da cidade a viam como ponte de salvação. Ninguém aguentava mais a carnificina e a degola. Uma santa vinha a calhar.



Assim, no cemitério da Cruzinha, durante muitos anos, velas foram acesas para Maria Pequena, que defendia as crianças contra o mau-olhado e as infecções devastadoras.

Teria sido ela a nossa Mata Hari ou teria sido a santa passo-fundense não canonizada? Penso que, em qualquer situação, Maria Meireles Trindade devia ser santificada, já que nada justifica a barbárie.

Nota do EDITOR:

“O degolamento de MARIA PEQUENA

[Gomercindo Dos Reis]

(É mais digno e mais nobre homenagear a memória dos mortos que bajar os vivos.)

Por motivos políticos, Maria Meireles Trindade, mais conhecida por Maria pequena, a 28 de novembro de 1893 foi barbaramente assassinada, com três punhaladas e uma degola, por um piquete revolucionário federalista.

O túmulo de Maria Pequena denominado “Cruzinha”, com a abertura da Vila Cármen, em 6 de setembro de 1929, ficou mal localizado, quase no meio da Rua Cel. Chicuta, à margem do arroio Raquel, motivo por que foi o mesmo demolido, a 19 de junho de 1955.

Seus restos mortais, que foram colocados numa urna e depositados na Catedral N. S. Aparecida, em breve serão trasladados para o interior de uma capela que será construída em memória dessa passo-fundense que morreu pelo amor conjugal e filial, bem como pela sua inabalável fé cristã. A capela será erigida no mesmo local onde ela foi assassinada e sepultada.

Seu túmulo, que era uma tradição e uma relíquia da cidade, há sessenta e dois anos vinha sendo assistido, diàriamente, por duas gerações de abnegados passo-fundenses. Numerosos crentes reverenciam a memória de Maria Pequena, acreditando nos seus milagres.

A homenagem póstuma que será prestada, pelo Município e pelo povo passo-fundense, à memória dessa lendária republicana legalista



é das mais justas; principalmente agora, que vamos comemorar o 1º Centenário da emancipação política do Município.

A tragédia da CRUZINHA

[Gomercindo Dos Reis 28/11/1953]

*Uma tragédia que corta
Minh' alma, correu veloz:
Mariazinha foi morta
Por um guerreiro feroz.*

*Longos anos já passaram,
Esta cidade cresceu...
E nossos avós contaram
O crime que ali se deu.*

*A primavera sorria
Pelas florestas em flor,
E essa morte de Maria
Foi uma sanha de horror.*

*Naquela manhã dourada,
Grande golpe ela sofreu:
Três vezes apunhalada,
Nossa heroína morreu!*

*Lá dentro da mataria,
Com lindos raios de sol,
Era o sangue de Maria
Da mesma cor do arrebol.*

*Na sua tumba sombria,
Que uma tragédia nos diz,
Rezam crentes todo o dia
E soluçam juritis.*



*Quando vem a noite escura,
Ela quer que façam luz...
Há velas na sepultura
E há pirilampos na cruz.*

*Sofrendo penas de guerra,
Condenada qual um réu,
Deixou seu corpo na terra
E faz milagres do céu!...*

A mártir da CRUZINHA

[Gomercindo Dos Reis 28/11/1953]

(Prece)

*Maria Meireles Trindade,
Que foi morta em Passo-Fundo,
Tem amor e tem piedade
Por quem sofre neste mundo.*

*Com tua morte violenta,
Na terra ergueu-se uma cruz;
Naquela manhã sangrenta
Foste a eleita de Jesus!*

*Proteção, Mariazinha,
Eu te imploro ardentemente!
És a Mártir da Cruzinha
Que morreu injustamente!*

*Bendito no mundo seja
Quem ouvir tua voz do além!
Pede a Deus que nos proteja
E os anjos digam – Amém!”*



RELENDO MARIA PEQUENA

Miguel Guggiana⁷

03/05/2012

Li. Reli. Folhei. Voltei. Voltei a reler. Não satisfeito entrei em contato com o autor. Instiguei. Inquiri. Com as respostas, li. Reli. Voltei a voltar. Escrevi. *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo e O massacre dos porongos & outras histórias gaúchas*, de Paulo Monteiro, são livros interessantíssimos, que não se atêm somente ao resgate de fatos da história rio-grandense, que envolveram estudos, pesquisas, mas também, e principalmente por apresentarem considerações críticas.

Dentre tantas alternativas de leitura oferecidas nos exemplares pinço duas, que merecem minha especial atenção e que considero entrelaçadas, consequentes, além de terem como palco a cidade de Passo Fundo: Batalha do Pulador e a primeira Santa popular passo-fundense: Maria Pequena.

Não posso desconsiderar o entorno. O primeiro evento, efetivado em 27 de junho de 1894, segundo a manifestação do autor, foi o episódio mais sangrento, violento, “*pelo número de homens envolvidos na ação, o poder destruidor do armamento empregado e a quantidade de mortos*”. Porém, decisivo para o desfecho da Revolução Federalista.

Depois, sofreram escaramuças, tiroteios, entreveros isolados, com a mesma gana homicida entre os beligerantes, com atos, de ambos os lados, que não poupavam homens, mulheres e crianças, atrocidades injustificáveis em qualquer contexto histórico.

Mais tarde, seguindo os registros, e numa dessas operações vingativas, chego a 28 de novembro de 1894 quando um piquete maraga-

⁷ Miguel Guggiana - Nasceu em Uruguaiana em 1948, radicado em Passo Fundo desde 1992. Com formação em Administração de Empresas e Ciências Contábeis atua como empresário no ramo imobiliário. Na área da escrita considera-se filho do Projeto.



to procurou pelo marido, integrante das forças pica-paus, e o filho de Maria Meireles Trindade, conhecida como Maria Pequena. Visto que Maria Pequena se negara a informar o paradeiro do marido e do filho, foi morta violentamente, de forma covarde, o que culminou em degola, após punhaladas desferidas numa ação, como contado por Paulo Monteiro, *“em que os algozes seguraram seus cabelos lisos, que foram puxados para trás, deixando a garganta exposta. E a filha da índia Marcelina Coema sentiu a veloz ardência de uma faca, aparando as jugulares. Correu alguns metros e caiu de bruços, pois assim acontecia com todas as vítimas desse bárbaro martírio”*. Ela foi sepultada às margens do Arroio Raquel. Nas palavras de Monteiro, *“sobre sua sepultura simples, foi colocada uma cruz. Daí Cemitério da Cruzinha. Mais tarde almas devotas edificaram uma sepultura de tijolos pintada de azul”*. Ao redor de seu túmulo, em defesa de seu filho adolescente, foram enterradas crianças pequenas, “anjinhos”, como se referiam na época.

A Maria Pequena passaram a atribuir milagres, gerando visitas em seu túmulo e oferendas de flores e velas, transformando-a num tipo de santa protetora das crianças. Nascia aí a primeira santa popular passo-fundense.

Com o crescimento da cidade, esse cemitério foi desativado, e os restos de Maria Pequena foram depositados na Catedral, sob o altar-mor, por iniciativa de um pároco, até que se construísse um mausoléu no Cemitério da Vera Cruz, isso ocorreu na década de 1950. O tal de mausoléu nunca foi construído. Pra quê alimentar um culto a uma “bugra”, filha da índia Marcelina?

Até aqui, não textualizo nada de novidade, pois esses acontecimentos são registrados com riqueza de detalhes nos livros citados e em contatos informais com o historiador Paulo Monteiro.

Embasado nesses fatos, permito-me lançar algumas considerações e hipóteses que podem ser confirmadas, discutidas, contestadas, mas tenciono trazendo o tema à baila, atualizar a personagem e reconhecer na sua figura *“uma forma de manter a memória das mulheres vítimas da Revolução Federalista entre nós”*.

Posso dizer que: – seu tempo de veneração foi longo, desde sua morte, em 1894, até o início da década de 1950, quando seus restos foram transferidos para a Catedral. Não fosse esse reconhecimento,



não teria essa deferência. Teria o destino comum, igual a todos os corpos que estavam no Cemitério da Cruzinha.

Durante esse período, a Igreja “conviveu” com a existência de uma “Santa” na cidade. Com naturalidade conveniente? Contestatória? Neutralidade deliberada? O importante é salientar o poder da Igreja na época, pois era impossível não admitir a existência de Maria Pequena, com reconhecimento popular aos seus poderes não fosse alvo de suas discussões.

O recolhimento de seu corpo à Catedral, indiscutivelmente, foi incomum. À primeira vista caracteriza uma admissão da Igreja, não quanto à santidade de Maria Pequena, mas quanto à sua importância no ambiente religioso da comunidade popular. Sob outro prisma, pode ser a intenção de tirá-la do foco, eliminando seu culto, confinando-o num local sob seu controle e que não era permitido visitas, colocação de adereços, agradecimentos as graças recebidas, atitudes comuns nesses casos.

Quais foram as pessoas e as entidades que tiveram a iniciativa de depositar os restos de Maria Pequena na Catedral? Recolhê-la teria sido uma ação isolada de um pároco? Teria ele poder para tal ato?

Recebi de Paulo Monteiro mais combustível para as considerações sobre o assunto dessa linha. *“A ‘elite’ da cidade, herdeira dos pica-paus, não via com bons olhos o culto a uma santa degolada por um piquete de federalistas... tanto isso é verdade que alguns faziam passar a ideia de que ela era uma prostituta, o que não era verdade”.*

Outra hipótese é que a população em geral não discriminava a Santa em razão de facção política. E, com o transcorrer do tempo, animosidades teriam sido absorvidas e as contestações mais profundas partiram das “elites”.

Segundo Paulo Monteiro, *“Agora, imagina a seguinte situação: A ‘elite’ republicana era formada por descendentes de homens que massacravam os índios para tomarem suas terras. Tanto que o primeiro aldeamento (depois reserva) indígena do Rio Grande do Sul (Nonoai) surgiu no município de Passo Fundo. Uma ‘bugrinha’, uma ‘china’, filha de branco e índia, é degolada e transformada em santa popular. E se a reunião em torno dessa ‘bugrinha’ se transforma num movimento de contestação à ‘elite’. Enquanto os ‘capitães’, ‘majores’, e ‘coronéis’ re-*



publicanos enciumados de suas mulheres mandaram degolar o próprio Padre Ramos, Maria Pequena era santificada pelo povo. E olha que vivíamos numa sociedade racista. Os negros, os índios e os mestiços eram considerados “raças inferiores”. Essa era a ideologia da época. É claro que precisavam desmoralizar a pessoa da Maria Pequena, para enfraquecer e destruir o seu culto”. Desta forma percebo situações entrelaçadas e consequentes. Pois à medida que avanço no tema, furungando suas nuances, escuto Maria Pequena, clamando “estou aqui! estou aqui!”, pedindo passagem na História.

E eis que, aquela bugra, índia, pobre, mas nossa, é vitimada por facínoras à beira de um arroio, mas quando iria imaginar que inspirou culto, contestações, pesquisas, estudos e polêmicas, que a mantém viva na história depois de morta? Penso que vitimada não foi só ela, parte de nossa história também. Enfim... Fica meu apelo no sentido de ao resgatar a memória da corajosa Maria Pequena, até então defendida e representada pelo historiador Paulo Monteiro, não pela sua “santidade”, mas pelo valor que ela representa na história do município de Passo Fundo.

São tantas homenagens, deferências, que se atribui as figuras históricas. Porém discutíveis. Fica a dúvida: Por que não à grande Maria Pequena?! Como? Não sei. Tu sabes?



MARIA PEQUENA, GRANDE EM AMORES

Carlos Higgie⁸

05.08.2014

O amor e a guerra, inúmeras vezes, se encontram e acendem as mais incríveis, violentas e incontroláveis paixões humanas. A história está recheada de eventos, de crônicas que revelam esse tantas vezes trágico encontro do amor, do ódio, da violência, da insensatez, da paixão na sua máxima expressão.

Maria Meireles Trindade era uma mulher casada, vivendo num mundo perturbado pelas batalhas de uma revolução que, com certeza, ela não entendia muito nem queria entender. Morreu, esfaqueada e degolada, numa tarde qualquer, perto do arroio onde lavava roupa, vítima da loucura que toma conta dos homens de vez em quando.

Enterraram-na por ali mesmo e, lentamente, foi se transformando numa lenda e alimentando a imaginação popular. Novos túmulos, agora de crianças, começaram a surgir em volta do local, aumentando e alimentando a lenda que a transformou rapidamente numa espécie de santa.

Há duas versões para a morte de Maria Pequena, assim apelidada pelo povo. Uma, adotada por muitos, faz dela uma esposa e mãe exemplar, que teria morrido em mãos dos maragatos pelo fato de não querer revelar o local onde se encontravam seu marido e o seu filho. Uma história que sem dúvidas alimenta sua áurea de mulher tocada pela santidade.

A outra versão, com tintes de erotismo, faz dela uma mulher que teria sido seduzida por um general e por um coronel, inimigos mortais, que usaram e abusaram do corpo da mulher. Após a vibração luxuriosa

⁸ Carlos Higgie - Uruguaio de nascimento, gaúcho por adoção, romancista e contista, com diversos livros publicados, com diversas menções e prêmios por seus trabalhos literários. Reside em Balneário Camboriú - SC.



dos corpos, a sensual e pequena mulher ficou sabendo de informações que, repetidas no momento errado, teriam custado caro ao exército do general em questão. O general e o coronel seduzidos pelos encantos da bela gaúcha, não poderiam tolerar nenhum tipo de infidelidade, principalmente se ela significasse uma derrota no campo militar. Ou seria no escorregadio terreno do amor e da paixão?

Sedutora ou seduzida? Não importa, não vem ao caso, o fato é que de alguma maneira ela mexeu com a história, fez da sua vida um capítulo, meio confuso, meio nebuloso, da novela histórica de um Estado acostumado a tingir com sangue, glórias, cenas de incrível valentia, atos heroicos e outros não tanto, as páginas da sua história, diferente e, ao mesmo tempo, igual.

Eu quase a vejo, Maria Pequena, morena e quiçá nem tão bela, com uma força interior, com um jeito tímido e atrevido, amálgama maluca que mexe com os homens, atraindo os olhares do general, do chefão, do todo-poderoso, seduzindo antes de ser seduzida, lançando suas iscas, suas sutis redes; até que o homem, como homem que era, se viu enroscado, preso àqueles fios invisíveis e mais fortes que uma junta de bois. Lá, na beira do arroio, onde lavava roupa e onde seria seu patíbulo, seu umbral para a morte.

Amor, ódio, sexo, luxúria, vida e morte, tudo confluindo em dois corpos em perfeita cópula, enquanto as águas rolavam debaixo de alguma pontezinha e a guerra consumia vidas.

Na intimidade do pós-amor, depois da pequena morte que é o orgasmo, ela encostava a cabeça no peito forte do militar de turno e escutava as confidencias, os alardes, os cantos de vitórias do homem do momento. E depois, vivia tudo, novamente, com o outro, até que não soube segurar suas palavras, seus pensamentos e decretou sua própria morte.

Tudo nesta vida é uma ilusão. Até o que parece firme, indivisível, intocável não passa de uma miragem que nos confunde. Os homens matam e se deixam matar por algumas vãs ilusões. Morrer por pronunciar as palavras erradas no momento errado é a coisa mais estúpida que pode acontecer com um ser humano. Por isso entro na carne de Maria Pequena e me pergunto: por quê? Por que passamos do amor ao ódio num instante fatal? Por que não permanecemos no amor e na



vida e nos lançamos feito louco na guerra e nas sombras da morte?
Maria Pequena, tão mulher e tão pequena na imensidão do tempo,
vive e ama ainda nas margens do arroio que canta sua vida, seus sonhos truncados e seus amores complicados.



A SANTA QUE VIROU FANTASMA

Paulo Monteiro

No dia 28 de novembro de 1894 um piquete de federalistas supliciou Maria Meireles Trindade, que entrou para a história passo-fundense como “A Santinha”, “Santa Maria Pequena” ou simplesmente “Maria Degolada”.

Quando estudamos a Revolução Federalista ficamos sabendo que, naquele segundo semestre de 1894, as preocupações dos dois grupos em guerra se concentravam na Fronteira. No Planalto Rio-grandense as atividades bélicas se resumiam, praticamente, a ações de acertos de contas.

O grupo que entrou na cidade procurando pelo esposo de Maria certamente viera para vingar-se. Não o localizando, descarregaram o seu ódio, sobre ela, que lavava roupas às margens do Arroio Raquel. Esfaquearam-na para que confessasse onde o esposo e o filho se escondiam. Levou três pontações de faca e, finalmente, a degolaram. O assassinato ocorreu onde hoje se localiza a Vila Carmen, à atual Rua Coronel Chicuta.

Martirizada para proteger a vida do esposo e do filho, acabou transformada em santa pelo povo. Sepultada no local onde exalou o último suspiro, ao lado do seu tumulo, formou-se um “cemitério de anjinhos”, como eram designadas as crianças com menos de sete anos, e transformada em santa protetora dos inocentes.

Nos primeiros anos da década iniciada em 1950 o cemitério foi demolido e os restos mortais da “Santinha” desapareceram. Segundo informações do falecido padre Jacó Stein, estão sob o altar-mor da Catedral Metropolitana de Passo Fundo.

Maria Meireles Trindade era uma mulher simples, filha da índia caingangue Marcelina Coema era casada com um praça de pré repu-



blicano, coforme contou o poeta e historiador Gomercindo dos Reis, que se autoproclamava “maragato”. A exemplo da primeira geração de caboclos, possuía pequena estatura, como diz seu próprio apelido.

Recapitulando: Maria Meireles Trindade era uma “gaúcha” autêntica, no sentido racial do termo. Pobre e trabalhadeira deu sua vida para salvar o esposo e o filho pequeno. Por isso, se tornou santa protetora das crianças, numa época em que as doenças e a mortalidade infantil semeavam pequenas sepulturas pelos cemitérios.

Maria Pequena foi uma mulher do povo, santificada pelo povo. Como vemos seguidamente nos noticiários, antes que alguém seja reconhecido como santo pela Igreja Católica é preciso passar por uma série de requisitos estabelecidos pelo Direito Canônico. Até essa oficialização é um santo popular, apenas reconhecido pelo povo. Uma das exigências para o reconhecimento eclesiástico é que se estabeleça um culto em torno de uma pessoa morta, em torno de um local (no caso de Maria Pequena o do seu martírio) e que existam relíquias (no caso de Maria Pequena, o seu corpo sob a terra). Além disso, faz-se necessária a confirmação de milagres.

Conseguiram entender?

O culto popular à memória da mulher pobre e mestiça que morreu para proteger o marido e o filho, acabou no momento em que se consolidou o culto oficial, ocorrendo em meio à mobilização de filhas e netas daquelas “senhoras” brancas e ricas que provocaram ciúmes nos maridos que ordenaram a degola do “facinoroso” Padre Ramos, alguns meses antes do martírio de Maria Meireles Trindade.

Com a eliminação do local de culto (Cemitério da Cruzinha, como era conhecido) e das relíquias (restos mortais da “Santa Maria Pequena”), estava preparado o terreno para a extinção do culto à santa popular, que também era conhecida como “Maria Degolada”.

E aí sim, a história virou lenda. Perdeu o “status” de santa e se transformou em fantasma, o “Fantasma da Maria Degolada”, o terror das crianças nas escolas.

Quando eu trabalhava na Escola Estadual Lucille Fragoso de Albuquerque os alunos maiores começaram a assustar os menores dizendo que viram a “Maria Degolada”, enforcada no banheiro. Pânico geral. Nenhuma criança queria ir ao banheiro.



Fui às salas de aula e contei para as crianças a história da “santa”, transformada em protetora das crianças. E que não era fantasma, coisa alguma. Em suma, contei toda a história, como historiador, em linguagem de literatura infantil. As coisas voltaram ao normal.

Em fins de 2012, durante o encontro semanal de autores do Projeto Passo Fundo, uma jovem escritora e ilustradora revelou que ficou cinco anos sem ir ao banheiro da Escola Municipal Urbano Ribas sem ir ao banheiro, com medo do “Fantasma da Maria Degolada”. Como visto, um século depois da morte física, o martírio de Maria Meireles Trindade continua.



MARIA PEQUENA e o CEMITÉRIO da CRUZINHA

Ney Eduardo Possapp d'Avila⁹
Mestre em História

Maria Meireles Trindade, conhecida pela alcunha “Maria Pequena”, teria sido degolada nos arredores da então cidade de Passo Fundo durante o período da guerra civil de 1893-1895, conhecida como a “revolução da degola”, também referida como Revolução Federalista. Qual as outras “revoluções”, foi uma luta fratricida que dividiu os rio-grandenses do sul em dois partidos. Apenas na Revolução de 1930 os gaúchos estiveram do mesmo lado brigando por uma causa única. Nas outras ocasiões tivemos farroupilhas x caramurus; federalistas x republicanos, ou maragatos x pica-paus, ou ainda gasparistas x castilhistas; libertadores x chimangos, ou assististas x borgistas. Em 1932, não havia decorrido dois anos do conagraçamento em torno de um programa de reformas em âmbito nacional, a discórdia voltou a reinar. Parte dos gaúchos juntou-se aos paulistas contra o governo federal, mas a maioria, encabeçada pela briosa Brigada Militar, colocou-se na defesa dos projetos da Revolução de 30, em curso de realização.

Foi assim num contexto de luta fratricida que teria acontecido o assassinato de Maria Pequena. Segundo a tradição oral Maria Meireles Trindade encontrava-se lavando roupas no Arroio Raquel, nos arredores

⁹ Ney Eduardo Possapp d'Avila - Nasceu em Passo Fundo em 1941. Filho de Narciso Vieira d'Avila e Olinda De Bona Possapp. Técnico em Contabilidade, estudou Economia no Brasil e em Moscou URSS, licenciou-se em História pela UPF em 1988. Recebeu o título de Mestre em História pela UFSC em 1993. Foi professor, Coordenador de Unidade e Diretor Regional da UERGS. Em 1996 publicou seu primeiro livro, Passo Fundo - Terra de Passagem, em 2011 Um olhar sobre a Legalidade e em 2012 Degola e Degoladores. Há 25 anos dedica-se à pesquisa da história de Passo Fundo e região.



res da então cidade de Passo Fundo. Alguns federalistas que andavam a procura do esposo dela a encontraram ali e interpelaram. Maria Pequena negou-se a informar o lugar onde homiziara-se o marido, o qual estava acompanhado por um filho. Diante da negativa fora degolada. Um típico ato de vingança, certamente motivado por algum “acerto de contas” com o procurado. Admitindo haver se tratado de morte, assassinato, por degola, degolamento ou degoladura, o tema será abordado especificamente em artigo sob o título DEGOLA.

A tradição oral registrou que a degolada foi sepultada em cova rasa no mesmo lugar de morte. À defunta foram atribuídos poderes de intermediação junto ao sobrenatural. Na crença popular foi elevada à condição de santa, capaz de fazer milagres, alcançar graças. No imaginário do povo pobre Maria Pequena transformou-se na Primeira Santa Popular Passo-fundense. Junto ao modesto túmulo vieram a ser sepultados natimortos e crianças falecidas nos primeiros anos de vida. A mortalidade infantil era muito elevada, principalmente entre as classes menos favorecidas, justamente as que não tinham condições econômicas para sepultar seus filhinhos e filhinhas no cemitério oficial. As famílias humildes confiavam seus anjinhos aos cuidados de Maria Pequena. Assim surgiu, espontaneamente, na margem do Arroio Raquel, o Cemitério da Cruzinha.

Desde o ponto de vista de profissional da História distingo no caso em pauta duas questões. Uma é a pessoa Maria Pequena. Outra é a “santa” e o Cemitério da Cruzinha. Quanto à pessoa, o ser humano histórico, Maria Pequena, pouco há de História, isto é, pouco existe de fatos comprováveis. O que existe é o mito e a ficção. O mito é a “realidade” criada pelo imaginário popular ao longo de mais de meio século. A ficção são os textos em poesia e prosa, e a iconografia. Essa ficção produzida, por diferentes intelectuais, tem se fundamentado na tradição oral. Parte dessa ficção é tão ficcional, permita-se a redundância, que não se coaduna com o que se conhece do contexto da época (mas esta questão fica para outro momento).

Foi o mito que criou o Cemitério da Cruzinha. Este foi uma realidade palpável até meados da década de 1950. Aqui apporto meu (autor do presente texto) testemunho pessoal. Conheci a Cruzinha em 1946, pois daquele ano até 1948 morei na Rua Padre Valentin,



Vila Lucas Araújo. Inúmeras vezes transitei por ali, tanto em dia claro, como à noite. Minha curiosidade infantil era atraída pelas velas bruxuleantes em torno do túmulo da santa, pelos ramalhetes de flores, por objetos depositados em oferta. Ouvi relatos de promessas feitas, de graças alcançadas. Pelas histórias escutadas e guardadas de memória entendo que havia uma espécie de sincretismo entre as lembranças, o culto e as graças alcançadas pela santa e pelos anjinhos. É difícil distinguir quais velas, quais flores e inclusive quais objetos eram ofertas à santa ou aos anjinhos.

Em 1949 fui morar na Vila Rodrigues, do outro lado “da faixa de Marau”, perdi o contato com a Cruzinha. Porém lembro da polêmica alimentada por Gomercindo dos Reis, durante a década de 1950, a propósito da memória de Maria Pequena e o Cemitério da Cruzinha. Em 19 de junho de 1955 o cemitério, após exumados restos mortais, foi aterrado para dar lugar ao alinhamento da Rua Coronel Chicuta. Em Passo Fundo. Plano Diretor, editado em 1953, na página 44, há uma foto do túmulo de Maria Pequena. Percebe-se pedestal encimado por estátua, não existentes em meados da década de 1940. A foto deve ser de 1952, possivelmente retrata o aspecto que tinha quando da demolição.

Segundo consta os restos mortais das crianças teriam sido trasladados para a cova comum do Cemitério Vera Cruz. Os restos mortais de Maria Meireles Trindade teriam sido colocados em urna funerária e depositados na Catedral a espera da construção de capela que os abrigaria. Qual o destino da estátua? Decorrido mais de meio século a prometida capela ainda não foi erigida e não se tem nenhuma certeza sobre o destino da referida urna. Para buscar entender os fatos e os relatos é preciso reportar-se ao contexto cultural, ideológico, partidário e religioso da época que medeia entre 1890 e 1960. Igualmente esse é o caminho para compreender os extravios e os esquecimentos ocorridos após a extinção do túmulo de Maria Pequena e do Cemitério da Cruzinha.

Em meio a tantas incertezas e desencontros resta uma convicção:
MARIA PEQUENA É A PRIMEIRA SANTA POPULAR PASSO-FUNDENSE.



DEGOLA

Ney Eduardo Possapp d'Avila

Degola, de que se trata? O que é degolar?

Degolar consiste em **seccionar, com lâmina cortante, o feixe vascular-nervoso do pescoço, a fim de causar morte**. A degola quando praticada com perícia provoca desfalecimento em segundos e a morte em minutos. A morte por degolamento é, em si, praticamente indolor tendo em vista o quase instantâneo desfalecimento. No abate de animais domésticos para consumo humano é muito usada a degola, em especial ovinos, caprinos e aves. As religiões judaica e islâmica prescrevem aos seus seguidores apenas o consumo de animais degolados. A degola de seres humanos por seus semelhantes configura-se em ato de vingança e covardia de quem a pratica, além da proposital humilhação da vítima.

Existem vários métodos de degola. No Rio Grande do Sul de 1835 a 1930, isto é desde o início da guerra civil farroupilha até as vésperas da Revolução de 30, e nas atuações bélicas dos gaúchos rio-grandenses fora de seu território, como na Guerra contra o Paraguai e na Campanha de Canudos, o método mais usado foi o “talho de orelha a orelha”. Era a chamada “degola à gaúcha”, conhecida também como “gravata colorada”. Possuía três principais variantes:

- O degolado de frente para o degolador; o supliciado com as mãos amarradas às costas, podendo estar solto ou contido, menos usual estar amarrado a um tronco ou palanque.

- O degolado estendido ao solo com o degolador apoiando um joelho sobre o peito do supliciado.

- O degolado (em geral ajoelhado) de costas para o degolador que com uma mão o segura pelos cabelos, “pelos melenas”, e com a outra manéja a faca.



Existem outros métodos que todavia não “seccionam o feixe vâsculo-nervoso do pescoço”. A rigor não poderiam caracterizar degola, ao menos nesse sentido estrito. É o caso da chamada “degola pela nuca”, trata-se na verdade de uma decapitação parcial, a cabeça fica presa ao corpo apenas pela parte anterior do pescoço. O desfalecimento é instantâneo. Outro caso é a estocada, um ou dois pontacos de adaga para perfurar as carótidas, não se trata de degola, apesar de assim ser nomeada, trata-se de sangramento ou sangradura. A vítima sangrada, corre alucinada esvaindo-se em sangue. O desfalecimento é lento e doloroso. É uma prática sádica. Outro caso, ainda, é a decapitação. Tanto na literatura, como na crônica policial e em relatos de guerras, ocorre a confusão entre degola e decapitação. Decapitar é separar totalmente a cabeça do corpo. Em alguns idiomas, por usarem um termo único, não existe essa distinção corrente nas línguas neolatinas. Todavia, dicionários da Língua Portuguesa os apresentam como sinônimos.

O termo degolar deriva do latino *decollare* (*collare*: ornato para o pescoço). Em dicionários da Língua Portuguesa o verbete **degolar** é identificado: “Cortar o pescoço de (outrem ou de si mesmo); decapitar” ou “Cortar o pescoço ou a cabeça; decapitar”. São apresentados como sinônimos de degolar. 1. Decapitar, decepar, descabeçar, jugular; 2. Demitir, despedir, dispensar, exonerar. Os dicionaristas não fazem distinção entre “seccionar o feixe vâsculo-nervoso do pescoço” e “decepar (cortar totalmente o pescoço para amputar a cabeça)”. Aliás, decepar deriva de *caput*, cabeça. Por outro lado pode-se suspeitar de uma relação entre degola e gola derivada do *gula, gulae* que significa garganta, esôfago. E também goela que designa a parte superior anterior do pescoço, garganta.

Por figurarem como sinônimos, em face de suas raízes etimológicas, é preciso atinar para o uso do verbo degolar, e suas derivações, na literatura em geral e em especial nos textos traduzidos de outros idiomas. Tanto pode ser no sentido estrito, que aqui lhe é dado, como no sentido lato de decapitar (separar a cabeça) total ou parcialmente, ou no sentido de sangrar seccionando a carótida (ou as carótidas). Inclusive na literatura referente aos fatos ocorridos no espaço e tempo supra delineados nem sempre é feita a adequada e necessária distin-



ção entre degolar e decapitar. Outra dificuldade ocorre quando é empregada a expressão “passar pelas armas”, pode ser degolar, decapitar, sangrar, fuzilar, ou ainda, espingardear (termo usado naquela época).

Do verbo degolar deriva: degola, degolamento, degolação, degoladura = ato de degolar; degolado (a) = vítima de degola; degolador = aquele que degola; degoladouro ou degoladoiro = lugar onde se degola.

Degolar, em espanhol: *degolar*, em francês: *égorger* (*gorge* = garganta), em italiano: *scannare*; em alemão: *enthaupten* (*haupt* = cabeça); em inglês: *to behead* (*head* = cabeça); em russo: *obezglávit*, *obezglávivat* (*gláv* de *golová* = cabeça).

O instrumento de degola, a “lâmina cortante”, era a faca pontuda ou a adaga, ambas de pequena dimensão e muito bem afiadas. Davam-lhes o nome de “xerenga”, palavra de origem quéchuá trazida pelos castelhanos, significa faca velha. Um autor assim definiu a faca de degolar: *espécie de guilhotina expedita, prática e portátil à cintura e ao alcance da mão*. Há escritores (não-gaúchos) mencionando *a afiada lâmina do facão* como sendo instrumento de degola. Trata-se de equívoco de quem não conhece nossas coisas de gaúcho. Outro equívoco é entender que todo e qualquer gaúcho é um potencial degolador. Pelo contrário, a degola era praticada por um pequeno grupo especializado. Durante os conflitos armados cada contingente tinha seus degoladores, tal qual tinha seus clarins, seus cozinheiros, seus remuniadores, seus potreadores, suas vivandeiras, seus comandantes, e assim por diante, cada qual com seu “emprego”, seu *metier*. Isso não significa que durante conflitos militares ou em tempos de “paz” alguns não se metessem a degoladores por conta própria, muitas vezes de forma incompetente (como soe acontecer com os que se arriscam a executar tarefas para as quais não têm preparo específico). A degola para ser bem sucedida necessita, além de lâmina apropriada e bem afiada, muita prática e habilidade do degolador. Ao contrário a decapitação pode ser executada com pouca prática e quase nenhuma habilidade. Os instrumentos de decapitar são a espada, a cimitarra, o machado, o cutelo, o facão, a catana. A guilhotina é uma máquina de decapitar.

Tem despertado muito interesse, e as mais diversas explicações, o fato da prática da morte por degolamento haver assumido as pro-



porções que assumiu no Rio Grande do Sul durante a última década do século XIX e nas três primeiras do século XX. Muito embora diga-se que no Brasil o século XX só começou em 1930, é difícil entender como há menos de 100 anos, aqui nesse nosso “rincão gaúcho”, aqui nesse pedaço extremo sul da Pátria brasileira, ainda se praticava a degola de seres humanos ao desbarato.

O degolamento caracteriza-se como vingança contra adversários, como forma de eliminação de prisioneiros ou como assassinato, sempre com premeditação e em muitos casos seguido de requintes de crueldade. A degola por ocasião de enfrentamentos bélicos tem sido justificada pela economia da escassa munição. Inclusive cunhou-se o dito: *Não gastar pólvora em chimango*. Entrementes, registram-se muitos casos de defuntos degolados ou decapitados. Houve casos em que degolados ou decapitados foram após castrados. Prova que o objetivo não era apenas eliminar o inimigo, mas a vingança, a humilhação, atingindo também a família da vítima. Houve casos de orelhas e dedos decepados, levados como troféus de guerra. Algo em comum com poupar pólvora?

A quase totalidade dos degolados, tanto em tempos de guerra, como em tempos de “paz”, foi de homens válidos. Porém, mulheres, crianças e idosos foram degolados, apesar da célebre recomendação: *Não poupe adversários, castigue nas pessoas e bens, respeitando as famílias*. “Respeitar as famílias” significava poupar as mulheres. Ocorreram muitos casos de vingança explícita, de “acertos de contas”, inclusive entre camaradas da mesma facção. Muitos destes “acertos” eram contra degoladores e contra estupradores ou simplesmente contra suspeitos de serem estupradores.

O caso do assassinato da Maria Pequena, pelo que se pode depreender da tradição oral, tratou-se de um “acerto de contas”. Um evento fora de contexto bélico direto.





Maria Pequena por Leandro Dóro¹⁰ (2014)

¹⁰Leandro Malósi Dóro - Desenhista, Comunicar social, Jornalista, Contista colaborador do Projeto Passo Fundo..



OS SINAIS da LEMBRANÇA

Versões literárias que mostram diversas memórias da vida de Maria Pequena.

“Por amor / respiro // A luz cruel”.
[Virgílio Alberto Vieira]



MARIA PEQUENA

Júlio Perez¹¹

Com base nos relatos de Paulo Monteiro,
Miguel Guggiana e a ilustração de Leandro Doro.

(Em homenagem a Maria Meireles Trindade, a Maria Pequena,
morta em 28/11/1894 na defesa do filho e do marido,
durante a Revolução Federalista, em Passo Fundo.)

Para e contempla
o que se apresenta:
é o vulto de uma santa?
a imagem de uma besta?

Não, é o espírito da Maria Pequena
que a tradição
chamou de santa
que outros
difamaram-na de puta.

Sina da mulher
da mãe
da esposa
que nos idos da Revolução Federalista
em 1894

¹¹Julio Perez - Nasceu em 1968, Advogado, Servidor público estadual - Tribunal de Contas do Estado. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, colaborador do Projeto Passo Fundo. Publicou seu primeiro livro - Expresso Instante em 2006 e o segundo Fugaz Idade em 2010 e o terceiro A Bolsa da Minha Mãe e Outros Contos em 2012.



tiraram-lhe a vida
da forma mais torta
da maneira mais bruta:
pela degola.
Prática comum
nas lidas de campo
daquela época
com as ovelhas.

E tal como uma
aquela índia se portou
na defesa do filho e do marido
pica-pau
quando o piquete maragato
lhe assediou
às margens do Arroio Raquel:
não deu um pio
do que eles queriam ouvir.

E nem depois de morta
a deixaram descansar
pois seus restos mortais
foram removidos
por medo
do que pudesse representar:
a imagem de uma santa
- do cordeiro imolado –
na defesa dos seus.

Sobretudo por aqueles
que representando o poder local
não podiam admitir
que uma bugra
filha da índia Marcelina Coema
fosse objeto
de culto popular.



E assim seus ossos
do cemitérios dos anjinhos
das mães que enterravam seus filhos pequeninhos
junto a sepultura azul – a cor da sua primeira lápide –
foram removidos
de lá para cá
até que uma alma piedosa
- ou nem tanto –
a emparedasse sob o altar
da catedral
de modo que culto
só viessem dar
depois de os autorizar
já que nem lápide
há no lugar
- sob os pés
do culto oficial.

Mas não puderam apagar
da memória do povo
aquela que até hoje
é considerada
a primeira santa popular
de Passo Fundo.



A VOLTA DE MARIA PEQUENA

Miguel Guggiana
15/08/2012

[Maria Meireles Trindade, vitimada em 28.11.1894, durante a Revolução Federalista, foi à primeira santa popular passo-fundense.]

Maria Pequena voltou.
Meus Deus, que reboição!
Pequena, agora como imagem
sua alma ganhou corpo
robusteceu, criou viço.
A bugra, a china
filha da índia Marcelina Coema
vai correr mundo em Passo Fundo
com documento, com memória
até poema já tem...
Desse jeito fará história.

Acreditem, ela falou.
Pouco mais não disse.
“Estou aqui!”
Duvidam?
Seu santinho está aí.
Tenho com ela empatia.
Não sei se eu que falo com ela
ou se é ela que fala comigo,
a Maria



Não importa o que seja
o que conta é a forma de sua volta:
altiva, soberana, doce.
Não mais triste
muito mais Santa
sem cicatriz na garganta.

Meu Deus, que reboiço!



NOSSA MARIA PEQUENA

Carlos Job¹²
24/11/2012

Nascera menina...
Fruto da miscigenação
Era miúda a criança...
Filha de Marcelina
Por nome Maria... Pequena por condição!

Maria Pequena... como convém...
Já moça e graciosa
Das amarras do amor prisioneira
Tornara-se mãe também!

Mas vivera tal mulher
Em época de revolução,
E como toda guerra, injusta e insana...
Era irmão contra irmão...
Pica paus versos maragatos,
O ano? 1894.

De intrigas afloradas
E inquisitórias atitudes,
Passo Fundo...na inquietude...
Vivia a mercê da dor!

¹² Carlos Job - Professor, Diretor de Produção Teatral, Contista, Ator de Teatro, poeta estreante. Colaborador do Projeto Passo Fundo. Autor de contos, peças teatrais, poemas. Participou das Coletâneas 2013 do Projeto Passo Fundo.



Era mês de novembro
E os dias longos e vazios...
E eis que surgiu boato sorrateiro,
Que pica paus... pai e filho
Escondiam-se... de confronto maldito
E que a mãe sabia o paradeiro...

Maragatos...
Enveredaram em cruzada fatal...
Três pontações de adaga...
E a degola mortal...

Caiu de joelhos Maria Pequena...
Sangue de mãe derramado!
Um túmulo azul então edificado
No “Cemitério da Cruzinha”, assim chamado
Como numa ironia, quiçá destino
Crianças que morriam... ainda anjinhos
Ao redor de sua lápide, sepultados!

Alcançara pela crença do povo,
A insígnia de “Santa”, a Maria,
Fora morta em 28 de novembro...
Tentaram rasurar da memória este dia,
Mas esqueceram de que ela é Maria...

Maria Pequena... mulher!
Maria Pequena... mãe!
E o povo em romaria ...
Tornou Santa... a mestiça!!!



A SANTA ESQUECIDA

Telmo Mario Dornelles Gosch¹³
25/04/2013

No meu sétimo verão,
Junto com minha madrinha,
Cruzei o Bairro Boqueirão,
Fui conhecer a Cruzinha.

Nessa longa caminhada,
Em conversa ela contava,
As aventuras passadas,
E histórias me narrava.

Contos de afirmações,
De memórias viva - tenaz,
Das peleias nas revoluções,
Também dos tempos de paz.

Poucos foram os escolhidos,
Pela história em sua esteira,
Também tem os esquecidos,
Tem a história sua cegueira.

Proseou então nesta hora,
Memórias tristes, distantes,

¹³ Telmo Gosch - Engenheiro Agrônomo e de Segurança do Trabalho, Passo-fundense nascido em 23/07/46. Filho de João Carlos Moreira Gosch e de Elvira Dornelles Gosch. Residente a mais de 30 anos no Estado do Tocantins. Servidor Público, Fazendeiro e Poeta, eternamente saudosos dos pagos. Gaúcho de nascimento, amor, saudade e formação. Tocantinense de coração.



O que sofreu a senhora,
Com Maragatos errantes.

Na Revolução Federalista,
Envolveu-se ela em atos,
Não sonhava com conquista,
Mas desafiou os Maragatos.

Aquela guerra de guerrilhas,
Manchou de sangue o pago,
Era um tempo de armadilhas,
De violência, medo, estrago.

Vibrou... De cavalos o tropel,
Barbarizando tão bruta cena,
Testemunhou o Arroio Raquel,
A agonia de Maria Pequena.

Ao proteger, filho e marido,
A bela bugra foi apunhalada,
Enquanto orava em gemido,
Foi brutalmente degolada.

Aos pés de simples cruzinha,
Maria foi enterrada,
Em celestial azul da rainha,
A sepultura foi toda pintada.

Tempos sem esperanças,
Só soluços eram escutados,
Recém-nascidos e crianças,
Junto à cruz foram sepultados.



Os pais dos anjinhos, agoniados,
Juntavam suas preces ao povaréu
Aqueles pedidos, desesperados,
Como raios de luz subiam ao céu.

As orações, choro - ladainhas,
Clamando a proteção da Pequena,
Cresciam os devotos da cruzinha,
Vertia o conforto de forma serena.

Quem degolou aquela garganta,
Feriu um povo e criou lembranças,
O fio da adaga gerou uma Santa
Santa em amor, paz e esperanças.

...

Novos tempos, novo imperativo...
Os restos mortais foram transladados,
O povo esperou um mausoléu votivo,
Espera até hoje, triste e desconfiado.

A história esqueceu a Santa ferida,
Devotos passaram, passou a geração,
A nova geração não quer ser socorrida,
Não ora, não reza, não tem devoção.

A Santa dos pobres está esquecida...



MARIA PEQUENA

Vivi Maciel¹⁴
9/07/2013

Anjos tem vida simples,
Alguns possuem asas,
Outros coragem,
Uns são vítimas,
Outros heróis.

Tantos lembrados em pedidos de graças
Por seus fiéis...
Maria Pequena
Assim conhecida
Por sua bravura, sua simplicidade,

Muito de anjo, de santa talvez
Pouco conheço de sua história
Mas uma mulher, esposa mãe
Que entrega sua vida em defesa
Do AMOR

¹⁴ Vivi Maciel - Nascida a 10 de janeiro de 1966 em Passo Fundo- RS, completou o Ensino Fundamental e Médio na Escola Notre Dame; fez Curso de Auxiliar em Patologia Clínica; Bióloga; Enfermeira; Especialista em Educação Ambiental; Especializanda em Estética e Cosmetologia Avançada; Formada em Direito; Mestre em Direito Ambiental; Doutoranda em Gestão e Auditoria Ambiental; exerceu sua profissão no Estado, na Escola de 1º e 2º Graus Nicolau de Araújo Vergueiro e Adelino Pereira Simões, Hospital São Vicente de Paulo, Secretaria Municipal da Saúde e Hospital Beneficente Dr. César Santos; escreve crônicas, contos, poemas publicando em jornais e revistas, colaboradora do Projeto Passo Fundo.



Sim, és Santa...
Ouso chamá-la
Santa Protetora da Família.
Santa Maria Pequena.



À MARIA PEQUENA

Vanessa Locatelli Pietrobelli¹⁵
23/04/2014

Todo lugar é um templo
E todo verso é osso de gente.
Gente é palavra. Gente é combate.
Gente é carne e memória.
Ao fundo passo do miocárdio
Bate o concreto dessa urbe
Na veia aberta de Maria Pequena.
Porque é de gente e de sentimento e de veia
Que crê essa cidade na sua santa.
Porque é de gente e de coração
Que se faz de uma mulher, um povo.

¹⁵ Vanessa Locatelli Pietrobelli - Nasceu em 20 de maio de 1995, natural de Constantina, RS. Desde muito jovem participou e venceu vários concursos literários e de declamação de poesias em sua região. Duas vezes consecutivas teve textos na etapa municipal para a Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa. Aos dezesseis anos passa a ocupar a cadeira de número 52 na Almurs, Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul, participando, no mesmo momento, da antologia Fatos Histórias e Contos do Meu Município com a poesia “Destinos”. Também colaborou na elaboração do livro Constantina 50 anos de história e histórias. Faces, livro de poemas lançado em 2013, foi sua estreia individual.



MARIA PEQUENA

Vivi Maciel
01/05/2014

Pequena...
Seu vestido cor da neve,
Feito á máquina de costura
Cabelos presos com um lenço surrado,
Mas não se pode negar...
Seu sorriso
Escondido atrás da timidez
De uma Grande Mulher ou
De Maria Pequena.
Luz própria?
Ou luz determinada?
Quem sabe, quem a conheceu?
Relatos, boatos, entoam instigam a curiosidade...
Sinto na suavidade de um rosto
Desconhecido
A bravura de uma mulher
Pequena.
Grande.
Que destino cruel lhe foi
Traçado.
Mas deixaste um legado
Lembranças...
Outros virão em busca da tua história.
Antes apenas Maria Pequena,
Hoje, MARIA PEQUENA.





O SENTIDO LEMBRADO

Literatura com abordagem em quadrinhos,
imagem como suporte à história.

“O brilho extremo / a morte // E os sóis intactos”.
[Vergílio Alberto Vieira]



MARIA PEQUENA

POR LEANDRO DÓRO



DOM PEDRO II GANHOU A BATALHA PELA LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS EM 1888, MAS PERDEU O TRONO NO ANO SEGUINTE POR UM GOLPE DE ESTADO LIDERADO PELOS POSITIVISTAS, QUE INSTITUÍRAM A REPÚBLICA. O MARECHAL DEODORO A FONSECA INICIOU A REPÚBLICA NO BRASIL.

NO RIO GRANDE DO SUL, O GOVERNADOR JÚLIO DE CASTILHOS, DO PARTIDO REPUBLICANO, ESCREVEU UMA NOVA CONSTITUIÇÃO EM 1891. DEFENDEU O NOVO REGIME E INICIOU UMA LUTA SANGRENTA CONTRA OS OPOSITORES: O PARTIDO FEDERALISTA. LIDERADOS POR GASPAR SILVEIRA MARTINS. OS FEDERALISTAS DESEJAVAM ESCREVER UMA NOVA CONSTITUIÇÃO E DEFENDIAM O SISTEMA PARLAMENTARISTA. AS DESAVENÇAS ENTRE OS DOIS GRUPOS POLÍTICOS RESULTARAM NO MAIS SANGRENTO EPISÓDIO GAÚCHO: A REVOLUÇÃO FEDERALISTA OU REVOLTA DA DEBOLA.



DE AMBOS OS
LADOS, OS
INIMIGOS ERAM
DECAPITADOS OU
DEBOLADOS...



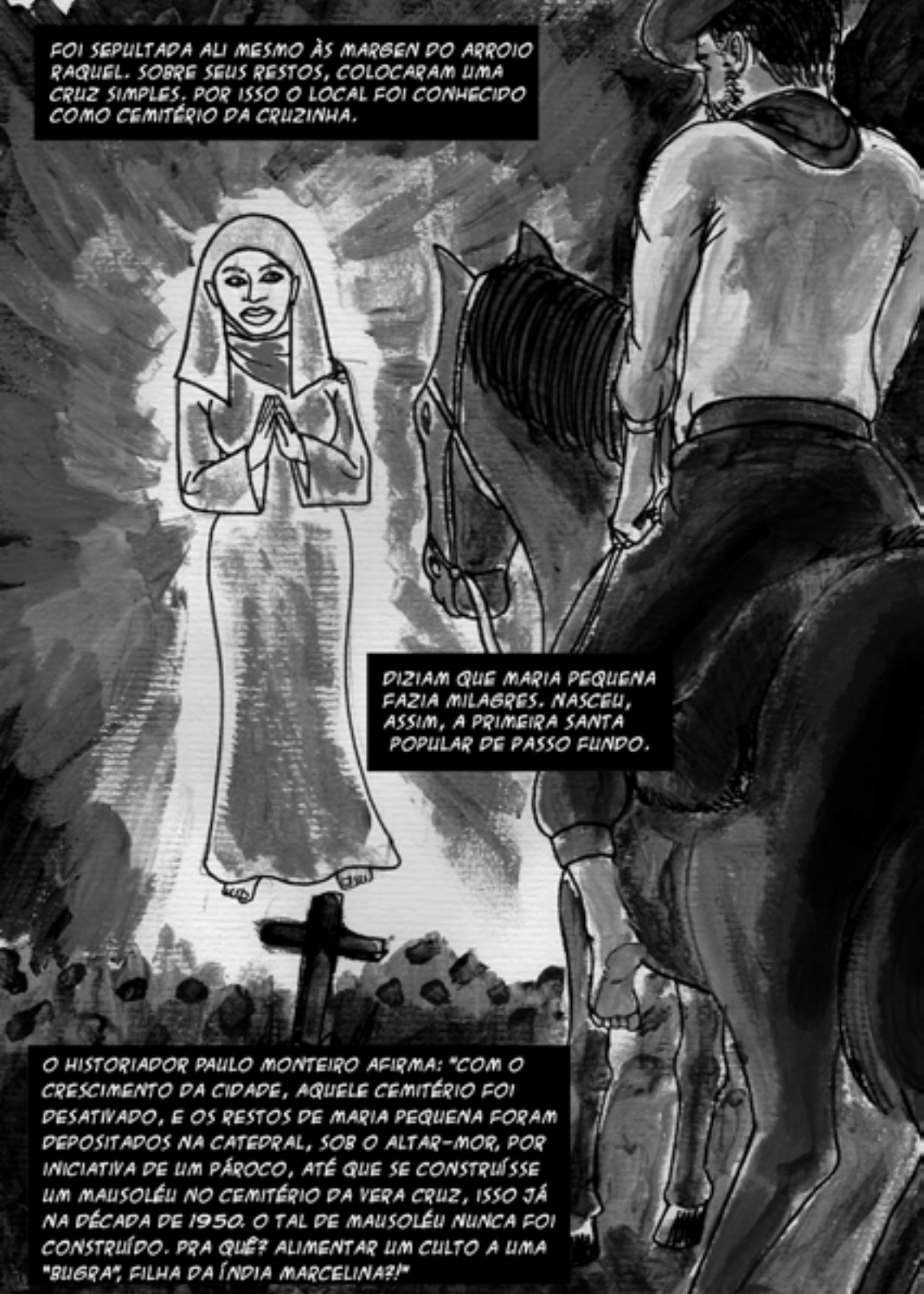
...COMO SE
FOSSEM GALINHAS.

DE UM LADO, REPUBLICANOS, OU PICA-PAUS
E, DE OUTROS, FEDERALSTAS, OU MARAGATOS.
DE AMBOS OS LADOS, SANGUE E MORTE.



EM 1894, EM PASSO FUNDO, ACONTECEU A BATALHA DE PILADOR - UMA DAS MAIORES CARNIFICINAS DESTA REVOLUÇÃO. TERMINADO O CONFLITO, MARAGATOS COMEÇARAM A SE VINGAR DOS PICA-PAUS. PROCURARAM O MARIDO DE MARIA MEIRELLES TRINDADE, CONHECIDA COMO MARIA PEQUENA.





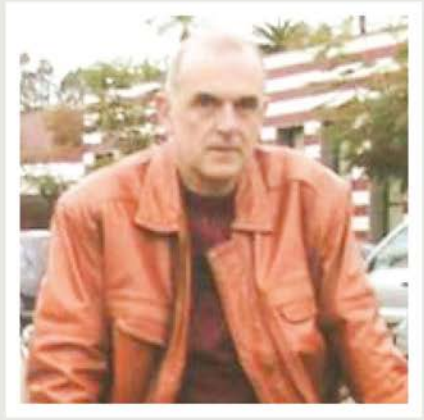
FOI SEPULTADA ALI MESMO ÀS MARGEM DO ARROIO RAQUEL. SOBRE SEUS RESTOS, COLOCARAM UMA CRUZ SIMPLES. POR ISSO O LOCAL FOI CONHECIDO COMO CEMITÉRIO DA CRUZINHA.

DIZIAM QUE MARIA PEQUENA FAZIA MILAGRES. NASCEU, ASSIM, A PRIMEIRA SANTA POPULAR DE PASSO FUNDO.

O HISTORIADOR PAULO MONTEIRO AFIRMA: "COM O CRESCIMENTO DA CIDADE, AQUELE CEMITÉRIO FOI DESATIVADO, E OS RESTOS DE MARIA PEQUENA FORAM DEPOSITADOS NA CATEDRAL, SOB O ALTAR-MOR, POR INICIATIVA DE UM PÁROCO, ATÉ QUE SE CONSTRUÍSSE UM MAUSOLÉU NO CEMITÉRIO DA VERA CRUZ, ISSO JÁ NA DÉCADA DE 1950. O TAL DE MAUSOLÉU NUNCA FOI CONSTRUÍDO. PRA QUÊ? ALIMENTAR UM CULTO A UMA "BUGRA", FILHA DA ÍNDIA MARCELINA?!"



Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Miguel Guggiana - Nasceu em Uruguaiana em 1948, radicado em Passo Fundo desde 1992. Com formação em Administração de Empresas e Ciências Contábeis atua como empresário no ramo imobiliário. Na área da escrita considera-se filho do Projeto.



Tânia Du Bois - Residente em Balneário Camboriú, SC. Pedagoga. Articulista e cronista; textos em diversos portais, sites e blogs literários. Colunista d'A Revista de SC. Autora dos livros Amantes nas Entrelinhas e O Exercício das Vozes.



O livro, *DISPERSOS* de MARIA PEQUENA, é coletânea representada por vários autores com variadas versões, como um caminho de investigação que persegue o percurso da vida de Maria Meireles Trindade, vulgo Maria Pequena. A obra busca homenagear e espalhar a completude do ser, de um modo insistente: Maria Pequena mártir, heroína ou santa? E nos perguntamos, até onde é lenda ou realidade? *Dispersos* responde através das diversidades dos textos e dos estilos dos escritores, que com sensibilidade aguçada, curiosidade aflorada e conhecimento, contam a história de Maria Pequena.



978-85-8326-095-0



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura